

AUTORES & LIVROS

1-1-1949
Ano IX

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 1
Vol. X

PADRE ANTONIO VIEIRA

NASCIMENTO E FAMILIA

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, na rua dos Cônegos, perto da Sé, em 8 de Fevereiro de 1608. Era filho de Cristóvão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo. Durante muito tempo foi assunto de discussão o saber-se se ele havia realmente nascido em Portugal, se no Brasil. Em sessão de 13 de Outubro de 1854, Joaquim Norberto apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um programa de trabalho que consistia na elucidação dos seguintes pontos: 1.º) em que documentos se basearam os biógrafos de Vieira para lhe darem por pátria a cidade de Lisboa?

2.º) Depreender-se-á da leitura de suas obras ser ele filho do Brasil?

3.º) Em conclusão, a ser possível, a apresentação da cópia autêntica do seu batismo, que fixe a sua naturalidade.

D. Pedro II distribuiu esse programa ao Arcebispo da Bahia, D. Romualdo de Seixas. E as conclusões desse estudo (publicadas na *Revista Trimestral*, t. XIX) é que não pode haver dúvida acerca da naturalidade do grande pregador. Bastará, entretanto, uma consulta ao tomo VIII dos Sermões de Vieira, impresso em Lisboa em 1694 (três anos antes do seu falecimento), para desvanecer qualquer dúvida. Vemos ali que ele nasceu na capital portuguesa, foi batizado aos 15 de fevereiro de 1608 na Sé da mesma cidade, sendo cura dela o Padre Jorge Perdigão. Tive como padrinho o Conde de Unhão, D. Fernando Teles de Menezes. Quanto a seus pais, parecem ter sido de condição diferente. Cristóvão Vieira Ravasco, natural e morador na Vila de Moura, sua mãe, D. Maria de Azevedo, era natural de Lisboa, filha de Brás Fernandes de Azevedo. Vieira declarou nas respostas ao Santo Offício (20 de Outubro de 1663) que nada sabia acerca da família de sua avó paterna. O sigilo por ele guardado com referência a esse ramo de sua família, levou os juizes do soberbo Tribunal do Santo Offício a duvidar de que o sangue que lhe corria nas veias fosse inteiramente limpo. Interrogaram várias pessoas, e pelos depoimentos de algumas delas chegaram à conclusão de que Baltazar Vieira Ravasco, antigo criado da Casa de Unhão, tivera conversação com uma maliciosa, da qual nascera Cristóvão Vieira, pai do padre. A vista de tais depoimentos, a Mesa da Inquisição de Coimbra, em 4 de Junho de 1667, proferiu a sua sentença — que consistia em que contra o padre Vieira se devia proceder como contra pessoas de cujo sangue nada constava de certo... Contudo, uma informação parece ter ficado assentada dessas investigações inquisitoriais: a saber, que Vieira era mulato. E' esse o dado que achamos estabelecido como coisa definitiva na *História da Literatura Portuguesa*, de Forjaz Sampayo. Houve também a suspeita de que ele tivesse sangue hebraico, o que nunca se apurou.

VINDA PARA O BRASIL

Criado da Relação do Brasil, foi Cristóvão Ravasco despachado escrivão dos Agravos de lá. Em 1614, o pequeno Antônio e sua mãe foram trazidos para o Brasil. Durante a ausência de seu pai (que se prolongara desde 1612, ano em que veio para o Brasil) viveu sozinho com sua mãe, na freguesia dos Mártires, numa semi-reclusão em que apenas os distraíam os estudos que a criança lhe fazia.

Na Bahia prosseguiu ele com os seus estudos. E logo que lhe foi possível, passou a cursar o Colégio dos Jesuítas. Revelava o desejo de abraçar a vida religiosa, mas não encontrava boa vontade por parte de seu pai, para a realização desse plano.

Conta-se que com 15 anos rugiu da casa paterna para ir matricular-se no Colégio e fazer-se padre. Ali foi recebido com carinho pelo reitor, que era o Padre Fernão Cardim. E' a esse tempo do seu noviciado que se prende a história do famoso estalo ocorrido em sua cabeça. Diz-se que era ele de emperado entendimento. Tendo rogado um milagre à Virgem das Maravilhas, de quem era devoto, teve um estalo nos molos, e o seu entendimento se abriu a tudo.

Essa história do estalo era referida pelo próprio Vieira, e foi conservada pela seu primeiro biógrafo, André de Barros. Contudo, segundo depoimentos desse mesmo André de Barros, ainda na tenra puerícia o travesso Antônio revelava espiritualidade, malícia e graça. Conta o primeiro biógrafo do Padre que certo dia o menino se achava no adro da antiga Sé de Lisboa, quando se aproximou o cônego e lhe perguntou: — De quem sois, meu menino?

Tornou-lhe a criança, com uma sutileza que já fazia adivinhar o casulista futuro: — Sou de vossa mercê, pois me chama seu.

Em outra história, também narrada por André de Barros, vemos curioso diálogo. Alguém dirige-se à criança, perguntando-lhe de onde era. Responde esta: — Vossa mercê não me conhece... — Eu conheço a metade do mundo — reflexiona a outra pessoa.

E o menino, maldissomente: — Pois eu, meu senhor, sou da outra metade.

Pouco depois, ao chegar à Bahia, tem outra resposta que lembra a primeira acima citada, a do diálogo com o cônego. E' apresentado ao prelado da Inquisição de Coimbra, em 4 de Junho de 1667, proferiu a sua sentença — que consistia em que contra o padre Vieira se devia proceder como contra pessoas de cujo sangue nada constava de certo... Contudo, uma informação parece ter ficado assentada dessas investigações inquisitoriais: a saber, que Vieira era mulato. E' esse o dado que achamos estabelecido como coisa definitiva na *História da Literatura Portuguesa*, de Forjaz Sampayo. Houve também a suspeita de que ele tivesse sangue hebraico, o que nunca se apurou.

— De quem sois, meu menino? — Retruca o estudante: — Vossa Paternidade diz que sou seu, e pergunta-me de quem sou!

Como se vê, são traços que demonstram na criança extraordinária vivacidade. E parece que se, em sua adolescência, por milagre da Virgem das Maravilhas, sofreu o famoso es-

ta-lo, do qual teve consciência, em tempos mais afastados da infância, devia ter sofrido outros estalos, dos quais não se apercebeu...

OS HOLANDESES NA BAHIA

Tinha 16 anos quando ocorreu na Bahia o desembarque dos holandeses, as ordens do almirante Jacob Willekens. Os jesuítas, como os demais habitantes da cidade, refugiaram-se onde puderam: foram para uma aldeia de índios. Vieira narrou as peripécias dessa fuga em páginas impressionantes.

FASES DE ESTUDOS

A esse tempo já tinha grandes conhecimentos de gramática, retórica e literatura. Já tinha a seu cargo a responsabilidade da redação das cartas anuais e foi em uma delas (na de 1626) que fez a narração dramática da população da Capital da Bahia, diante das tropas de Jacob Willekens. Estudava, também, com amor, como alguém que nesse estudo se mune de uma arma de combate, a língua tupi-guarani. Para evitar as influências da família, que se opõe à sua vocação religiosa, mandam-no os superiores a princípio para a aldeia do Espírito Santo, a sete léguas da cidade. Tinham ali um povoado de indígenas aos quais doutrinavam. Vieira esteve algum tempo ali, nesse povoado, que se erguia à margem do rio Joanes, a uma légua do mar, e que mais tarde se transformou na Vila de Abrentes. Logo, porém, se abrandaram as resistências de sua família. Voltou, então, Antônio à Bahia, e prosseguiu em seus estudos.

Em 1626 ou 1627, foi mandado para o Colégio de Olinda, indo reger a cadeira de Retórica. Findo o seu prazo, foi mandado de regresso à Bahia, e prosseguiu nos estudos de filosofia. Nessa metafísica medieval, os alunos eram exercitados para prodígios de sutileza. Alguns dos assuntos que o estudante Vieira teria a debater:

— A Mãe de Cristo, suposta a inferioridade feminina, foi realmente mulher ou varão?

— As almas das plantas e dos brutos são divisíveis?

Estudavam-se assuntos ultra-transcendentes, como seja a quantidade de Matéria, e nela (Continua na página seguinte)

NOSSO SISTEMA DE DATA

Com o seu número de hoje, AUTORES E LIVROS inaugura novo sistema de data. Passará a datar os seus fascículos dos dias 1 e 15 de cada mês, como é de hábito entre as publicações quinzenais. Daremos, assim, vinte e quatro números por ano, dois em cada mês. As assinaturas passam, portanto, a um tipo único — sessenta cruzeiros por ano, o que equivale a dizer por volume, incluindo-se nessa importância a despesa do registro no Correio. Os interesses dos assinantes ficam resguardados, cabendo à nossa gerência entender-se com cada um deles acerca do assunto.



PADRE ANTONIO VIEIRA

"Verdadeiro retrato do muito celebre P. Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, Pregador dos Reis de Portugal e Príncipe dos Pregadores, que Portugal deu ao mundo e Lisboa a Portugal e o Brasil à Companhia". (apud Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus*, vol. IV, pág. 1).

SUMARIO

PAGINAS 1, 2 E 3:

Padre Antonio Vieira.

PAGINA 4:

Exortação a os Peixes, do Padre Vieira.

— Carta ao Duque de Castanheira, do Padre Vieira.

— Ladrões, do Padre Vieira.

— Onde está o diabo, do Padre Vieira.

PAGINA 5:

Como me tornei tradutor de Heredia, de Severino Montenegro.

PAGINAS 6 E 7:

— A vida dos Livros.

PAGINA 8:

— Durval de Moraes, Pequenas Notas.

PAGINA 9:

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.

PAGINA 10:

— O Corvo, de Edgar Poe — VIII — Tradução de Emilio de Menezes.

PAGINA 12:

— O Riozinho, de Mucio Leão.

ALGUNS MORTOS DE 1948

O registro fúnebre de 1948 foi impressionantemente farto. O ano era bissexto, e confirmou-se a tradição melancólica e azarada que arrastam consigo os anos bissextos...

Sem o propósito de um registro rigoroso, recordaremos aqui alguns dos ilustres vultos brasileiros que o ano de 1948 levou para aquele undécimo country para cujos mistérios se voltavam inquietos os olhos lacrimosos do poeta...

O primeiro desses vultos foi Monteiro Lobato. Era, sem contestação o mais poderoso produtor brasileiro, um legítimo continuador de Rui Barbosa e de Coelho Neto. Ao estreitar-se, quase por acaso, já vinha imbuído de Camilo e de Plínio, e era já escritor perfeito. Seu primeiro livro — *Os Urupês* — mereceu a consagração pública, pela voz de Rui Barbosa. Desde então Monteiro Lobato se constituiu um centro de ardentes entusiasmos. Ora na literatura para gente grande, com os seus esplêndidos contos, com aquela deliciosa série de cartas que constitui *A Baroa de Gleyre*; ora na literatura infantil, para cujo tesouro forneceu dezenas de livros — sua obra multiplicou-se incessantemente. E que nova, que graciosa, e viva é a sua frase sempre!

Outro brilhante prosador que perdemos em 1948 foi Benjamin Lima. Escrevia para teatro, e suas peças — *A Revolta do Idolo*, *O homem que marcha*, etc., mostraram-nos o quanto era ele preocupado com os grandes problemas da alma humana, o quanto essa espécie de Bernatelli brasileiro se comprazia no estudo dos ardentes conflitos morais e intelectuais.

Ainda outro prosador em-

nente que 1948 nos levou: o Padre Leonel Franco. Este era uma organização de sábio e de filósofo. Ninguém amou com mais amor do que ele o que fosse cultura. Passou a vida, de acordo com o preceito precioso — *in angelo cum libello*. Sua obra, em que se destaca aquela inestimável *História da Filosofia*, está sendo em uma série de volumes.

Outros prosadores no mesmo caso dos que acabamos de citar: Sud Menucci, jornalista e educador paulista; Adriano Jorge, que foi presidente da Academia Amazonense de Letras; Horácio Cartier, redator fulgidíssimo do *O Globo*; Leonardo Mota, o desvelado investigador do folclore cearense; José Vieira, o romancista de título tão puro, de tão penetrantes estímulos (Continua na 12.ª página)

UMA COLEÇÃO DE AUTORES E LIVROS

De acordo com o que havíamos prometido desde o número 1 do 9.º volume, passamos em sorteio, com a Loteria Federal que correu a 29 de dezembro, a última extração do ano, uma coleção dos 8 volumes de AUTORES E LIVROS (de agosto de 1941 a março de 1945), o número do grande prêmio não correspondeu a nenhum dos nossos assinantes, motivo porque a referida coleção não foi a nenhum deles adjudicada.

Assim sendo, será novamente posta em sorteio na última extração da Loteria em corrente ano, como uma nova esperança aos nossos assinantes atuais e futuros.

tes do mundo nos fazem e larar a guerra. Os conselheiros do Estado de Castela aconselham

PADRE ANTONIO VIEIRA

deveria ser concentrada a ligas. As mercadorias que chegassem à Europa seriam distribuídas pelas portas das três potências. Essa concorrência, por motivos que são alongadamente demonstrados, teria resultado no enfraquecimento da Holanda.

Em 1649 teve a alegria de ver também este seu plano vitorioso. E' de 10 de março daquele ano o alvará que aprova a fundação de uma companhia que ia meter no mar trinta e seis galéões armados para a guarda das embarcações de carreira no Brasil. Tinha a companhia o privilégio de certos generos e o direito de negociar em todo o Estado do Brasil, desde o Rio Grande do Norte até São Vicente. Para a organização da Companhia congregaram-se várias famílias portuguesas: a casa dos Carvalhos deu 60 mil cruzados; a dos Botelhos, a dos Serres, 40 mil cada uma; Francisco Dias de Leão, deu 16 mil; Gregorio Mendes da Silva, 15 mil.

TRABALHOS DE DIPLOMATA

Inquanto sustentava essas campanhas, prosseguia Vieira em seus trabalhos de diplomata. Em 1650 vai a Roma, a fim de negociar o casamento de D. Teodosio com a infanta, que a esse tempo era a única herdeira de Filipe IV. Mas, enquanto procurava realizar esse enlace, que faria de novo a união da coroa portuguesa e da coroa castelhana, procura também fomentar uma revolta em Nápoles. Descoberto esse maneo pelo embaixador de Castela, teve o jesuita sob ameaça de morte, de deixar Roma precipitadamente. Voltou, então, a Lisboa. Em 1652, pensou-se nele para ir como auxiliar do embaixador, Conde de Penagüão, para a Inglaterra. Mas não aceitou o convite, preferindo regressar ao Brasil, como missionário.

UMA MITRA

E' a esse tempo que seus adversários arranjam uma forma prudente e amável de afastá-lo da companhia de Jesus: oferecem-lhe uma mitra. Prudente, Vieira recusa a honra, dizendo que S. M. não tinha tantas mitras em toda a sua monarquia, pelas quais ele houvesse de trocar a roupeira da Companhia de Jesus.

NO MARANHÃO

Em 22 de novembro de 1652 parte para o Maranhão, e ali se mostra extremoso defensor dos índios. João Francisco Lisboa, contudo, mostra que, como advogado dos selvagens, ele condescende em parte com os senhores e com os opressores, admitindo para os pobres índios uma escravidão de cinco anos.

LUTAS EM PORTUGAL

Regressando a Lisboa em 1651, ali encontrou ele a luta acesa entre o Partido de D. Afonso VI, ainda em tutela, e o da rainha D. Luiza. Abraçou este último, e consta que é de sua autoria uma exortação então lida ao jovem príncipe para que mudasse de costumes. Assumindo o príncipe o governo, foi Vieira desterrado para o Porto e depois para Coimbra.

SUPERSTIÇÕES DE VIEIRA

A esse tempo achava-se o jesuita possuído das mais estranhas crenças (crendices que, aliás, em esboço, sempre tivera). Em criança, aluno do colégio dos jesuitas, fora salvo, numa noite escuríssima, pelo seu anjo da guarda. Aparecera-lhe, em meio das trevas, um menino envolto em luz que o guiava...

Sua vocação para o prodigioso, para uma nova forma de Sebastianismo, tinha agora um alvo: o da ressurreição do rei D. João IV, ressurreição que se havia de dar no ano de 1660... Para adquirir essa pie-

na certeza, la Vieira às profecias de Bandarra.

Esse Bandarra — Gonçalo Anes Bandarra — era um sapateiro que existia no século de quinhentos e que, num livro chamado *Trovas*, anunciara os futuros destinos de Portugal. Fôra preso pelo Santo Offício e, por motivo de sua reputação de profeta, saíra no auto público de fé, celebrado em Lisboa em 23 de outubro de 1541. Suas obras tinham sido postas pela Inquisição no catálogo das proibidas.

Com o volver dos tempos, porém, sua situação tinha mudado. No século XVII davam-lhe crédito ignorantes e sábios; e, como o Padre Vieira, também D. João IV nele cria piedosamente. Ao lado das imagens dos santos, na Sé de Lisboa, fora certo dia colocada e estava do profeta — tanta era a crença que nele tinha o povo!

Vieira era um campo esplêndido para a proliferação das superstições dessa ordem. Esperando o ano de 1660, pôs-se ele a colecionar assombros... Suas crenças são muitas e de várias ordens. E' certo, porém, que o fenômeno que mais o preocupou foi o dos cometas. Certo dia lhe vem alguém dizer que aparecera, na Alemanha, um cometa com duas melas luas no meio. Ele pega a pena, sem demora, e escreve a D. Rodrigo de Menezes pedindo-lhe que se informe do fato e lhe mande, com urgência, dizer se aquilo é verdade. Outra vez, um cônego de Coimbra lhe conta coisa mais pasmosa: vira, com os seus olhos, um cometa de enorme extensão que voltara a cauda do Ocidente para o Oriente, e, no momento em que mudara de rumo, metera a cauda por dentro da lua! Também o seu amigo Sanfins — um médico de Coimbra, com o qual gostava muito de praticar sobre assuntos de astros e outras superstições — falava-lhe acerca de certo cometa portentoso, que prendia agora a atenção de todos os filhos do reino português, cometa esse que não era inferior ao de 1618, o qual tinha trezentas e oitenta mil léguas de comprimento. O que aliás mais pasmava, fazendo esperar horríveis coisas, é que esse novo astro saíra no mesmo dia em que havia saído, em 1577, o cometa a que se atribua a morte de D. Sebastião.

Seus amigos sabiam, de sobejo, desse seu pavor aos astros malignos, e não cessavam de lhe mandar informações de novos prodígios. Chegava-lhe, um dia, a notícia de um cometa distúrbio que viera trazendo uma incrível tempestade de neve e chuvas, arrancando mais de duzentos pinheiros e dando às costas com um navio, no Pará. De outro cometa lhe enviava informes do Brasil o Padre Estancel — informes tão obscuros, tão cheios de metáforas e enigmas gregos, que talvez nem mesmo o gênio agudíssimo de Vieira tenha logrado decifrá-los. A todos esses prodígios, porém, ultrapassava em seu entender o que ocorria em Roma. Ali, um cometa surgira arrastando uma cauda maior do que a de outro qualquer. E as trevas que trouxera eram tão espessas que se tornavam palpáveis, como as do Egito. A Rainha Cristina, da Suécia, então residindo em Roma, não perdia de vista, juntamente com os grandes matemáticos que trazia em seu serviço, o espantoso acontecimento.

Mas não eram apenas os astros que enchiam de meditações e pavoros a alma do Padre Vieira. Mil outras crenças, igualmente ingenuas, o perseguiram. Assombrou-o certo doente de Guimarães, que havia vomitado um dragão vermelho escuro, de quase um covado de comprimento e com duas asas! O doutor Sanfins chegara a ver esse monstro pintado, autên-

cado por uma certidão jurada de médico.

Que seria tudo isso senão novos anúncios do que iria acontecer em 1660, ano apocalíptico? E a que conduziria tudo, senão à profecia das profecias — a da ressurreição de D. João IV?

O QUINTO IMPÉRIO

E' cheio dessas misteriosas convicções que ele remete de Cametá, no Pará, ao Padre André Fernandes, Bispo do Japão, os originais do seu livro singularíssimo: — *Esperança de Portugal. Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida do rei D. João IV, escritas por Gonçalo Anes Bandarra, com um largo comento, remetido ao bispo do Japão, o P. André Fernandes, 29 de abril de 1652*. Ora, no seu *Quinto Império* Vieira procurava provar que o sapateiro Bandarra era de fato um profeta; e que assim era fê-lo esperar a ressurreição de D. João IV.

VIEIRA E A INQUISIÇÃO

Não se sabe como o *Quinto Império* foi parar ao tribunal Inquisição. E' este, que tinha velhas contas a ajustar com o jesuita, não perdeu a oportunidade. A 21 de junho de 1660, embora entrançado por prolongada molestia, compareceu Vieira ao antigo Colégio das Artes, onde funcionava a Inquisição. Ali foi recebido pelo cônego Dr. Alexandre da Silva, e por ele interrogado. Durante quatro anos vai-se prolongar o seu martírio: ele terá que ser interrogado, admoestado, humilhado, por juizes íntegros, e cujo galardão supremo é o de poderem oprimir com a sua imensa ignorância um dos luzeiros desse século. Para fazer a sua defesa, nomeia-lhe o tribunal um advogado, que sabemos se chamava Antonio Dias Cabreira, embora Vieira lhe não guardasse o obscuro nome. A esse advogado ensinava o rei como devia fazer as petições em seu processo...

Os dias se arrastaram, morosos, cheios de sacrifícios e de enfermidades, para o sexagenário. Enfim, em 18 de outubro de 1661, o longo processo teve sua decisão: Vieira ficou privado de pregar, não temporariamente mas para sempre; e obrigado a residir em uma casa da Ordem. A 12 de junho do ano seguinte, porém, foi-lhe deferido um requerimento, pelo qual poderia pregar, com a obrigação apenas de não tratar de proposições suspeitas. A 6 de janeiro de 1662 veio-lhe de novo ao pulpeiro da Capela Real, para pronunciar o Te Deum de regozijo pelo nascimento da princesa D. Isabel. Pregou também várias vezes na Quaresma desse mesmo ano.

A CLAVIS PROPHEIARUM E O CONSELHEIRO SECRETO

E' no decorrer desse processo que Vieira dá a conhecer ao tribunal da Inquisição outros livros que tem em mente, tão misteriosos e tão importantes quanto o *Quinto Império*; a sua *Clavis Propheetarum*, no qual provava, com a leitura das Escrituras e a dos Santos Padres, que todas as nações da terra se haviam de converter à fé católica, constituindo isso o estado final da Igreja; o *Conselheiro Secreto*, livro em que refutava Moisés e que ia servir de desenganar para os judeus. Estes dois livros estavam em plano, em sua mente e para eles tinha tomado numerosas notas, que se achavam no Maranhão. E anunciava mais duas obras: A *História do Futuro*, que vinha compondo desde 1648; e uma resposta a os contraditores do *Quinto Império*, na qual ficaria feita a defesa cabal do Bandarra...

VIAGEM A ROMA

Mas a atmosfera em Portugal lhe era sempre hostil, e por esse motivo deliberou ele ausentar-se da pátria. Em agosto de

1660 achava-se em Roma, onde é acolhido pelos jesuitas como um triunfador. Recebem-no com admiração e carinho o Papa, os príncipes estrangeiros residentes em Roma, a rainha Cristina, da Suécia, que ali se encontra com a sua corte de sábios. Vieira estuda o italiano e não tarda a pregar na língua desse país. O êxito que obtém é sem precedentes. As multidões aglomeram-se às portas dos templos, ansiosas de poder ouvi-lo. E' preciso pôr soldados às portas, para impedir que o público se apresse dos lugares reservados às autoridades eclesiásticas e às pessoas de representação.

No Sermão do Carnaval de 1673, na Igreja de S. Lourenço Damasco, estão presentes para ouvi-lo desenhos cardiais. Denunciado pelo seu gênio, a Rainha Cristina convida-o para seu pregador oficial e para seu confessor. O jesuita recusa ambos os convites. De sua pregação em italiano lhe fica porém uma obra — *As cinco pedras da fundação de David* — coleção de cinco sermões.

Por breve de 17 de abril de 1675 ficou ele isento para sempre da jurisdição dos Inquisidores de Portugal e seus representantes, sujeito unicamente à Congregação do Santo Offício de Roma, e conjuntamente absolvido de qualquer censura, interdito ou pena eclesiástica, em que até aquela data se achasse incurso.

VOLTA AO BRASIL

Deixa Roma em 22 de maio, permanece algum tempo em Portugal, onde é torna a fazer novos sermões. E em 27 de janeiro de 1681 parte de novo para o Brasil. Vai para a Bahia, e se recolhe à quinta do Tanque, onde pretende passar os últimos anos de sua vida preparando a edição definitiva de suas obras. Em Portugal seus inimigos continuam encarniçados a o quisquam em estuário em Coimbra. Governava a Bahia a esse tempo um homem de caráter violento, Antonio de Souza de Menezes, o braço de prata (algunha que lhe vinha de um braço desse metal que possuía). Não tardou o Braço de Prata a entrar em conflito com Bernardo Vieira Ravasco, irmão do Padre Vieira. Secretário de Estado, Bernardo Ravasco governava-se, em seu ofício, por um regimento próprio, expedido pelo regente. Revogou-o o novo governador. Insurgiu-se Bernardo contra o ato e as coisas chegaram a tal extremidade que o governador suspendeu Bernardo do cargo, mandando prender um seu filho e um seu sobrinho, os quais entretanto conseguiram fugir à prisão.

Pouco antes do governo de Antonio de Souza romper na Bahia feroz hostilidade entre Antonio de Brito Castro, irmão do provedor da alfândega e Francisco Teles de Menezes, sobrinho do alcaide-mor. A gente de Antonio de Brito, tendo este à frente, matou a tiros e facadas, já no tempo do Braço de Prata, Francisco Teles de Menezes. O governador, irado, mandou prender Bernardo Ravasco, como cúmplice, e meteu-o na cadeia. O governador, por várias formas injuriado, chamado de judeu, expulso da presença do governador. Este ainda se adiantou em prevenir a corte de Lisboa contra o Padre e o irmão. De sorte que quando Gonçalo Ravasco chegou para tratar do caso a presença de El-Rei, dele ouviu estas palavras:

— Estou muito mal com seu tio por haver descomposto o meu governador.

A esse tempo achava-se Vieira em estado de grande fraqueza física.

DECREPITUDE

Sua decrepitude é grande, agravada de achaques e das consequências de várias quedas. Contudo, ainda lhe vem novas contrariedades. O novo papa da ordem lhe manda, em 1688, patente de visitador da província do Brasil, tarefa a que ele não tem meios de fugir. Está com 80 anos, mas tem a enfrentar um trabalho áspero e incessante. Entre os seus atos desse período, cabe registrar a restituição às missões do Maranhão de mais de vinte padres da Companhia, que tinham sido expulsos por ocasião da revolta de Beckman (1684). Registre-se também que no momento em que essa revolta rompeu, Vieira só tivera palavras de reprovação e de aspeza para os amotinados. Querria para eles o castigo mais exemplar. E Lisboa registra a frase dele, dita com uma complacência que pouco tinha de cristã: "Mas se faltou o da terra (castigo) não tem faltado o do céu, porque todos os motores daqueles sacrifícios morreram desastrosamente, e sem sacramentos".

O GOVERNO PROVINCIAL

Seu triênio de visitador finda em 1692. Dois anos depois celebrava-se na Bahia um congresso provincial, para o fim de eleger-se um representante que fosse a Roma como procurador. Os estatutos da Ordem previam qualquer cabala, e nisso eram severos. Ora, a Vieira era lícito apontar alguém que lhe parecia o candidato mais indicado para o posto. Deu-lhe o seu voto e obteve-lhe outros votos. Veio daí a acusação de cabala contra ele, e ele e o Padre Inacio Faya foram declarados reus, e assim, por sentença, privados da voz ativa e passiva. Vieira apelou para o Geral da Ordem em Roma. Este decidiu favoravelmente ao famoso orador. A decisão demorou e quando chegou à Bahia já ele estava morto.

A VOZ DE DEUS

Em outubro de 1695 apareceu nos céus da Bahia um cometa. Vieira, que sempre vivera sob a fascinação silenciosa ou declarada de tais astros, sente voltar as suas antigas superstições. Toma então da pena e escreve outro misterioso trabalho, digno de emparelhar-se com a *Clavis Propheetarum* e com o *Quinto Império*. E' agora a *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e a Bahia*. E em tal escrito Vieira mostrava a coincidência dos cometas com as calamidades públicas. Ora anunciavam fomes, como os de 538, 945 e 1347; ora inundações, como o de 400 antes de Cristo, 583 e 1530 da era atual; ora tempestades, como as de 1254 e 1268; ora terremotos, como os de 64 e 1296; ora pestes, como os de 603, 626 e 1347, e o de que esta última calamidade durou um triênio e matou a terça parte do gênero humano...

Em 1696 deixou ele o seu retiro do Tanque e se fixou na Bahia. Não ia buscar saúde nem vida, dizia então, na busca um gênero de morte mais sócego e quieto. Com efeito, achava-se muito e muito velho, e cada vez mais enfraquecido. Nos últimos tempos, já não podia mais ajoelhar-se, ao se ficar sentado na capela, pois a todo momento precisava atender às necessidades do organismo que parecia estar a se desagregar. Multiplicavam-se em seu corpo as impigres, que começavam como um castigo. Tinha ultimamente que viver num regime de anáguas, que era um novo martírio. E ainda sobrevinham contrariedades maiores: tinha perdido a vista quase completamente, ia perdendo o ouvido. Nessa quadra da imensa miséria física, tinha apenas uma consolação: a companhia fiel do amigo Padre José Soares, aquele que o seguia desde

PADRE ANTONIO VIEIRA

tantos anos, e que fôra para de um secretário atento e calhoso.

MORTE DE VIEIRA

Tantos martírios só iam encontrar fim no momento para de abandono da morte. Tinha, essa morte bendita, no dia 18 de julho de 1897, aos noventa anos de idade. Em sua terra foram feitas na Bahia, em Lisboa soleníssimas exéquias, sendo as primeiras presididas pelo governador D. João Lealcastro, e as últimas celebradas às expensas do Conde de Arceia, filho do autor de *Portugal Restaurado*, aquele famoso D. Luís de Meneses, que mereceu o apelido de Colômbio Português.

Um ano e dez meses depois de falecer Vieira, ocorreu o falecimento do padre José Soares. Diz-se que, quinze dias antes de sua morte, esse padre, quando alto noite acordado, viu surgir Vieira, que se aproximou, das duas mãos no seu ombligo, e lhe mostrou o céu, como se desejasse chamá-lo para seguir também para lá...

VIEIRA, ESCRITOR

Para quem como escritor, parece que apenas El-Rei Camões era merecedor, tanto quanto Vieira, o sufrágio unânime, a admiração dos leitores e dos críticos. Disse o Bispo de Viseu que se se perder o uso da língua portuguesa e com ele acabarem todos os escritos portugueses, que não sejam Os Lusíadas e as obras de Vieira, a língua que falamos, quer no estilo da poesia quer no da prosa, ainda viverá, em sua magnífica linguagem.

Francisco José Pereira observa que Vieira é, no sentir dos doutos, o clássico mais autorizado. É estabelecido, como um salutar programa literário, este preceito: *Seguir sempre em tudo e por tudo o falar de Vieira*. De António Feliciano de Castilho conhece-se aquela curiosa página em que é traçado o paralelo de Vieira com o seu emblema de subordinação e classicismo — o padre Bernardes: Vieira, ainda falando do céu tinha nos olhos os ouvidos; Bernardes, ainda falando das criaturas estava aborrido no Criador... A Bernardes ama-se; a Vieira admira-se.

Para se compreender perfeitamente a alma atormentada e prodigiosa de Vieira, cumpre acompanhá-lo no desenvolvimento de sua obra espantosa. Nos seus Sermões, em que às vezes encontramos uma singular transigência com a sutileza e os artificios tão comuns naquela época: nas cartas, gênero de que ele ficou sendo inconfundível modelo em letras uso-brasileiras; nos livros de outro gênero, com referência aos Sermões, dos quais a coleção é formada de 15 volumes, pelos encontramos tudo: aqui temos o pensamento religioso e místico, o louvor das grandes ações, a meditação das obras virtuosas, a caridade, a flama. Temos também o aciente candente da fronteira, e temos, no raro, as páginas de mais fulgurante sarcasmo ainda escritas em nossa língua, como, por exemplo, aquelas fulminantes trechos acerca da mentira e do Maranhão. Ao lado dos Sermões, entretanto, é necessário colocar esses quatro volumes da correspondência, nos quais podemos achar, muito menos teatralidade, muito menos preocupação com o efeito das palavras, e muito mais o espírito e o coração desse homem, esse extraordinário coração, esse extraordinário espírito.

Se queremos bem julgar a ação de Vieira, a sua ação no terreno do pensamento, da vida pública, da orientação geral da vida, temos que procurar entender a sua época. Esforcemo-nos, por assim dizer, por viver como ele. Certo, no evoluir de suas ideias e de suas atitudes há lances que nos repugna explicar. A ideia da entrega de Pernambuco à Holanda é um

débil; a entrega do território português à França é outro; a transigência com a escravidão dos índios é um terceiro. Mas o próprio Padre dava as suas razões para defender tais pontos de vista. E para bem entendermos essas razões, ou para convenientemente as repelirmos, precisamos de sentir as razões pessoais de Vieira. Precisamos de entrar naquele Brasil imenso, incensamente despojado, ameaçado sempre pela poderosa Holanda, tendo sempre que ser defendido por si mesmo, pois o fragilíssimo Portugal dos meados do século de seiscentos mal podia consigo mesmo, quanto mais com as suas colônias da América, da África e da Ásia... Precisamos, para entender a sua ideia do abandono das terras portuguesas à França, estar num Portugal que acabava de sair do jugo de Castela, e que se achava sempre sob nova ameaça de Castela... E para que possamos compreender a sua transigência com a escravidão de cinco anos para os índios, precisamos volver em imaginação as ideias daquele tempo, em que os pobres indígenas, menos que coisa, estavam sendo abatidos dos animais...

E quem sabe, quem pode dizer, naquela alma sufocada, quais eram as ideias sinceras, e ate onde iam elas? E bem lieto imaginar que quando o Padre Vieira levantara uma de suas ideias esquecidas, que ficavam fêmeas — a do abandono de Pernambuco, por exemplo — estivesse cheio de meditações escrupulosas de reservas mentais, as quais entrariam em ação na hora oportuna.

Ele em bastante sã para isso. E o fato de ter preparado em meados do século XVII as ideias mais adelantadas, que somente dois séculos depois começaram a ser tornar realidade — a da liberdade dos nossos portos, a da liberdade do comércio, e da criação de bancos, a da extinção dos preconceitos anti-judaicos, etc., só isto, dissermos, bastará para nos mostrar ter sido o Padre Vieira um dos homens que mais trabalharam, em todas as épocas, pelo progresso mental do nosso país.

A OBRA DE VIEIRA

Orador inapareável, escritor que serve de modelo aos mestres mais ilustres, a obra de Vieira avulta excepcionalmente no mundo da cultura uso-brasileira. Inocência e seus continuadores Brito Aranha e Martinho da Fonseca ergueram dela (*Dicionário*, vols. 1, 8, 22 e 23) uma relação que, ainda incompleta, vai a perto de 140 números.

Acrescentaremos mais as seguintes:

— *Carta do Padre António Vieira, datada de Lisboa a 15 de Julho de 1690*. — É um autógrafo pertencente à coleção da Biblioteca Nacional. Não traz o nome da pessoa a quem é destinada. Figura no *Catálogo dos Códexes*, pág. 531.

— *Lágrimas de Heráclito defendidas*. Filosofia que hora sempre tem sucesso do mundo. Por el M.R. Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus. Dedicadas Don Ignacio Paredes Al Ilustre Señor Don Gaspar Mercader, y de Cerbellon, Conde de Cerbellon, y de Buñol. — Reimpressa em 1920 — Revista de Língua Portuguesa, n. 7 (Setembro de 1920).

— *Lágrimas de Heráclito defendidas* pelo Padre Vieira — Trad. do Espanhol do Padre Cirilo Chaves — Revista da Academia Piaulense de Letras, ano IX, nº 10.

— *Trânsito entre as formigas* — Biblioteca Infantil da Editora Archista Ltda. — Rio, 1941.

— *Clavis Prophetarum*. Esta obra continua a ser o maior mistério bibliográfico do grande escritor. Ao dar a estampa o 1.º tomo dos seus Sermões, já Vieira anunciava uma larga

descendo no particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa coelha, no mesmo dia em que cheguei a ella, ouvindo os roncadores, e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as rotas do mar? Se com uma linha de coelha e um alfinete torcido, vos pode pescar um aleijado, porque haveis de rocar tanto? Mas por isso mesmo roncamos.

Dizei-me: o espadarte porque não ronca? Porque, cridariamente, quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncaram. S. Pedro, a quem muito bem conhecereis vossos antepassados, tinha tão boa espada, que elle só avançou contra um exercito inteiro de soldados romanos; e se Christo lh'a não mandara metter na balsa, eu vos prometto que havia de cortar de mais orelhas a de Malco. Contudo, que lhe succedeu naquela mesma noite? Tinha roçado o barbaço de Pedro, que se toda a Igreja, com elle havia de ser, e quando ele morreu, se fosse necessário, a fel tanto pelo contrario, que só elle frangia mais que todos, e bastou a voz de uma zinzinha para o fazer

obra em latim, acerca da intelligência dos profetas: *De regno Christi in terra consummato* ou *Clavis Prophetarum*.

Seria em 4 livros, e a ella havia de tudo os seus mais profundos e mais fecundos estudos. Pensou nela a metade de sua vida. Começou-a nas selvas amazônicas, continuou-a em Roma e em Lisboa. A *Clavis Prophetarum* destinava-se a ser o coramento de sua gloria, o monumento mais alto de seu saber e de sua arte.

Entretanto estava esta obra prima destinada a ficar no esquecimento! Parece que logo depois de morto Vieira, houve quem tentasse roubar os originaes da *Clavis Prophetarum*. Houve intervenção da justiça, e com isso logrou-o Padre Baltazar Duarte, procurador de Vieira e da Ordem, relatar os preciosos originaes. Acreditase, contudo, que o que se conhece hoje como a *Clavis Prophetarum* está cheio de alterações. Na Biblioteca de Belém, Pará, havia um exemplar, em cópia manuscrita, da obra. Cópia de quem? J. Lúcio de Azevedo acredita que seria do punho do Padre Bonucci, auxiliar de Vieira. Essa cópia foi roubada há mais de 50 anos. Por quem? One se encontra hoje? Nada se pode saber. Há sobre a *Clavis Prophetarum* uma pequena bibliographia, da qual enumeraremos as seguintes númeras:

— J. Lúcio de Azevedo — *História de António Vieira*, páginas 292-4.

— J. Lúcio de Azevedo — *Carta a Afrânio Peixoto* — In *Revista da Academia B. de Letras*, nº 129, pág. 122.

— J. Lúcio de Azevedo — *Noticia bibliographica sobre a Clavis Prophetarum do Padre Antonio Vieira* — Academia das Ciências de Lisboa — Separada do Boletim da 2.ª Classe — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1920 — Opúsculo de 24 págs.

— Vilhena de Moraes (E.) — *Clavis Prophetarum* — Rio.

— Afrânio Peixoto — *Os Melhores Sermões de Vieira* — Editora Americana. Rio, 1931. 277 págs.

— Por Brasil e Portugal — (Sermões comentados por Pedro Calmon) — Brasileira.

— *Sermões Patrióticos*. Anotados por Pedro Calmon (do Instituto Histórico Brasileiro, Edições Biblos — Rio, 1932, 222 págs.

Pe. ANTONIO VIEIRA

zer tremer e negar. Antes disso, tinha já fragueado na mesma hora em que prometteu tanto de si. Disse-lhe Christo no Horto, que o vigiasse, e vindo d'ahi a pouco a vê se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, sendo tambem do que tinha blazonado: *Não sonasteis uma hora vigiarem-me?* Vós, Pedro, só o valente que haveis de morrer por mim, e não pedistes uma hora vigiar comigo? Pouco ha, tanto rocar, e agora tanto dormir? Mas assim succedeu. O muito rocar antes da occasião, é signal de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto succedeu ao maior pescador, que pôde acontecer ao menor peixe? Medievos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blazonar, nem rocar.

Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogancia segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante. Cella entre os homens, se o rio Jordão, e o mar de Tiberides tem communicações com o Oceano, como devem ter, pois delle mamam todos; bem se vê de saber, que este gigante era a ruína dos Philisteus. Quarenta dias continuou esteve armado no campo, desafiando a todos os armados de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse; e no cabo que fim teve toda aquella arrogancia? Rastou um pastorinho com um cajado e uma funda, para dar com elle em terra. Os arrogantes e soberbos tamizem-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho e calar, e inibir a Santo Antonio. Duas coisas ha nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque amigos incham: o saber, e o poder. Calphas rocnava de saber: *Vos nesellis quidquam*. Pilatos rocnava de poder: *Nesclis quia peccastem habes?* E ambos contra Christo. Mas o fiel servo de Christo, Antonio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vos mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse fallar em saber, ou poder, quanto mais blazonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que pusei a linha equinoctial, vi debaixo della o que muitas vezes tinha visto, e notado nos homens, e me admira que se houvesse entendido esta rocha, e pegado tambem nos peixes. Pegadores se chamam estes de

que agora fallo, e com grande propriedade, porque sendo peixes não só se chegam a outros maiores; mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desaferram. De alguns animados de menos força e industria se conta, que vão aguinando de longe aos leões na caça, para se austentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles no longe; porque o peixe grande não pôde dobrar a cabeça, nem voltar a bocca sobre os que trax da costas, e assim lhes auctenta o peço, e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem duvida, que o prenderam os peixes do alto depois que os nossos portugueses o navegaram; porque não parte Vice-Rei ou Governador para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quizes se arriam a elles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desengainados da experiencia, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados a mercê e fortuna dos maiores, vêm-lhes a succeder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodão a não e tubarão nas calmarias da linha com os seus pegadores da costas, tão cridosos com a peixe, que mais paucem remeterem, ou machas naturais, que foscades, ou camponhezes. Lancham-lhe um anzol de cada cost a razão de quatro bolindas, arremessa-se instantaneamente a preza, engole tudo de um bocado, e fica presa. Corte meia campanha a ali-o acima, bate fortemente o canivete com os últimos arranjos; em fim, morre o tubarão, e morrem com elle os pegadores. Parece-me que estou ouvindo a S. Mathéus, sem ser Apostolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morro Herodes, diz o Evangelista, appareceu o Anjo a José no Egypto, e disse-lhe, que já se podia tornar para a patria, porque eram mortos todos aquelles que queriam tirar a vida no Menino: *Defuncti sunt enim qui querebant animam Pueri*. Os que queriam tirar a vida a Christo Menino, eram Herodes, e todos os seus, toda a sua familia, todos os seus adherentes, todos os que seguam, e prendam da sua fortuna. Pois é possível, que todos estes morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem tambem com elle os pegadores: *Defuncti Herode, defuncti sunt qui querebant animam Pueri*. Eis aqui, peixinhos ignorantes, e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhesteis. Tumaq exemplo nos



QUINTA DO TANQUE

Conhecida tambem com o nome de "Quinta dos Padres" e "Casa de S. Cristovão", em honra do P. Cristovão de Gouveia, Visitador do Brasil, no Século XVI (Tomo I, 95). Nesta famosa Quinta e Casa de Campo dos Estudantes da Bahia, viveu o P. Antonio Vieira cerca de 17 anos e nela redigiu parte dos Sermões e muitas das suas Cartas. Vê-se em frente da escada central, a do tempo do P. Vieira, o artistico chafariz e os arcos a que se allude p. 162. (Hoje, Hospicio dos Lázaros).

CARTA AO CONDE DE CASTANHEIRA ONDE CAIU O DIABO

VIEIRA

E' coisa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem e para as vozes têm ecos. Pelo contrário é tão grande violência o não responder, que aos que nasceram mudos, fez a natureza também surdos, porque se ouvissem e não pudessem responder, reberitariam de dor. Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de Vossa excelência me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silêncio fosse tão muda como ele: mas quis a benignidade de Vossa excelência que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecerem os amigos, haviam os homens

do morrer primeiro, e daí a algum tempo (sem ser necessário muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo; como morto, agora com o espaço de um ano e meio, é força que fale como resuscitado. O que só posso dizer a Vossa excelência é que ainda vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagradável a Vossa excelência esta certidão. Não posso contudo cular que no mesmo dia de seis de fevereiro em quarenta e sete anos, foi tão crítico para a minha pouca saúde este setono, que apenas, por mão alheia me permite ditar estas regras, as quais são multiplicadas em cópias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações,

quantas devo à pátria na sua mais ilustre nobreza. Sendo, porém, tão singular e não usada esta indulgência, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder às cartas se me comute na graça de as não receber daqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não pôde falar. E para que o despacho deste forçado memorial não pareça gênero de ingratição da minha parte, senão contrato útil de ambas, e muito digno de aceitação, sirva-se Vossa excelência de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficam duas mais (Continua na 10.ª página)

VIEIRA

Todas as terras, assim como têm particulares estreitas, que naturalmente predominam sobre elas, assim padecem também diferentes vícios a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este propósito os alemães uma gaudente fábula. Dizem que quando o diabo caiu do céu, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas províncias da Europa, onde ficaram os vícios que pelas reinos. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Espanha e que por isso somos fumosos, alívios, e com arrogância graves. Dizem que o peito caiu em Itália, e que daqui lhes veio serem fabricantes de má-

quinas, não se darem a entender e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Alemanha, e que esta é a causa de serem inclinados à gula, e gastarem mais que os outros com a mesa e com a taça. Dizem que os pés caíram em França, e que daqui nasce serem pouco sossegados, apressados no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um caiu em Holanda, outro em Argel e que daí lhes veio (ou nos veio) o serem corsários. Esta é a substância do apólogo, nem mal formado, nem mal repartido, porque ainda que a aplicação dos vícios totalmente não seja verdadeira, tem contudo a similitude de verdade, que basta para dar sal à sátira. E suposto que a Espanha lhe coube a cabeça, cuido eu que aparte dela que nos toca ao nosso Portugal é a língua: ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam. Os vícios da língua são tantos, que fez Drexello um abecedário inteiro, e muito copioso deles. E se as letras deste abecedário se reparassem pelos estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não há dúvida, que o M. M. Maranhão, M. murmurar, M. mojar, M. mal dizer, M. malinar, M. mexerica, e, sobretudo, M. mentir: mentir com as palavras, mentir com os pensamentos, que de todos por todos os modos aqui se mente.

homens, pois elles e não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo Antonio.

Considera, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram aquelle peixe grande, e porque. O tubarão morreu porque comeu, e elles morreram pelo que não comeram. Póde haver maior ignorancia, que morrer pela fome e bocca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pôde imaginar! Não cuides que também nos peixes havia peccado original! Não os homens, fomos tão desgraçados, que outros comen e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve principio na gulodice de Adão e Eva: e que hajamos de morrer pelo que outros comen, grande desgraça! Mas não lavamos-nos desta desgraça com uma pouca de agua, e vós não podeis lavar da vossa ignorancia com quantas aguas tem o mar.

Com os voadores tendo também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizem-me, voadores, não vos fez Deus para peixes; pois, porque vos metteis a ser aves? O mar feio Deus para vós, e o ar para ellas. Contenta-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sós peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sós ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-hes, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que nos outros de vossa tamanha. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso houve de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mais porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quizestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sós mais molinho que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a foga, a vós sem foga ignia azul, mata-vos a vossa presumpção e o vosso capricho. Vae o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cae palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fôra mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas e cair morto. Grande ambição é, que sendo o mar tão immenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vêde, peixes, o castigo da ambição. O voador feio Deus peixe, e elle quiz ser ave, e permitte o mesmo Deus, que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para elle são rodas, como peixe, e todas as cordas, laços como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora ja-

zes em um covés amortalhado nas azas. Não contente com ser peixe, quizeste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a agua, tu não quizeste senão o ar, e tu já te vejo posto no fogo. Peixes, contenta-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quizer passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieram-lhe a queimar as azas.

A' vista deste exemplo, peixes, tomam todos na memoria esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem. Quem pôde nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe, nem nada. Ouvi o caso de um voador da terra. Simão Magô, a quem a arte magica, na qual era famosissimo, deu o sobrenome, fingindo-se que elle era o verdadeiro filho de Deus, signalou o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao céu, e com effeito começou a voar muito alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, vooz mais depressa que elle, e cahindo lá de cima o Magô, não quiz Deus que morresse logo senão que nos olhos também de todos quebrasse, como quebrou os pés. Não quero que repareis no castigo, senão no genero dele. Que cáda Simão, está muito bem cahido: que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabolica o merecia. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebra a cabeça ou os braços, senão os pés? Sim, diz S. Maximô, porque quem tem pés para andar, e quer azas para voar, justo é, que perca as azas e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset: et qui pennas assumpserrat, plantas amitteret. E simão tem pés e quer azas: pôde andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as azas para que não voe, e também os pés para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que succede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que o Itaro se afogou no Danubio, não haveria tantos Lenos no Oceano.

Voadores do mar não fallo com os da terra! imitaes o vosso Santo Pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de azas, não as estendes para subir, porque vós não succeda encontrar com alguma vela ou algum costado: encolhei-as para descer, ide-vos metter no fundo em alguma covia: e se ali estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

(Do Sermão de Santo Antonio, pregado na cidade de São Luis do Maranhão no anno de 1634.)

LADROES

VIEIRA

Os ladrões, de que falo, não são aquelles miseráveis, a quem a pobreza, a vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida; porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu peccado.

Os ladrões, que mais própria e dignamente merecem este título, são aquelles, a quem os Reis encomendam os exercitos e legiões, ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força roubam e despojam os povos.

Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros, se furtam, são enforcados, e estes furtam e enforcam. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista, que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões e começou a bradar: Lá vão os ladrões

grandes a enforcar os pequenos. Ditos Graécia, que tinha tal Pregador! E mais ditos as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um Consul, ou um Ditador por ter levado uma provincia? E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Siderio Apolinario: Non cessat simul furta vel paupere vel facere.

"Seronato está sempre occupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer". Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Querira tirar os ladrões do mundo para roubar elle só.

(Apud João Ribeiro — "Selva Clássica").

Só creio no Paraíso,
De que o Profeta falou,
Porque a flor do teu sorriso
Para mim desabrochou...

Z.

DURVAL DE MORAIS

A 4 de dezembro último, faleceu nesta cidade, no Hospital da Ordem do Carmo, o poeta Durval Borges de Moraes. Era um espirito elevado, imbuido de religiosidade, sincera e profunda, e que mereceu dos leitores e dos criticos o epíteto encantador de poeta de Nossa Senhora.

Nasceu em Maragogipe, Bahia, a 20 de novembro de 1882 e se formou em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia. Pertenceu desde quando estudante ao movimento simbolista da Bahia, tendo tomado parte nas atividades da Nova Cruzada e de Os Anais. Seu nome figura nessa fase das letras bahianas, ao lado dos nomes de Peithien de Villar, Carlos Chiacchio, Artur de Sales, Galdino de Castro, Domingos de Almeida, Melo Leite, Alvaro Reis, Pedro Kilkerri, Francisco Mangabeira, José Maria Leoni, Eudécio de Matos, Asterio de Campos, tantos outros. Desde essa época, em que ele já se impõe como um poeta de temas e meditações religiosas, seu nome irradia pelo Brasil todo. Diplomado, Durval de Moraes fixou-se em Monte Azul, Estado de S. Paulo. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, e aqui se fez preparador de Química

Inorgânica da Escola Politécnica. Era católico ardoroso. Além das colaborações dadas às duas revistas referidas, acima, colaborou mais nos seguintes lugares: Jornal de Notícias, A Bahia, Diário da Bahia, Jornal da Manhã, Gazeta do Povo (todos da Bahia); O Gutterberg, de Alagoas; Diário de Santos; Renascença, Revista de Cultura, Verbum (do Rio de Janeiro); etc.

Pertenceu à Academia Bahiana de Letras, da qual era delegado junto à Federação das Academias de Letras.

Escreveu:
— Sombra fecunda — Rio, 1913.

— Lira Franciscana, Rio, 1921.

— Cheia de Graça, Rio 1924.

— Rosas do Silêncio, Ed. do Centro D. Vital, Rio, 1928.

— O Poema de Anchieta, 1929.

— Florenti, de S. Francisco de Assis (tradução). Livraria Católica, Rio, 1932.

— Conquistadores do Infinito, 1941.

— Solidão sonora, 1943.

— O Cântico espiritual, de S. João da Cruz. Verbo do texto critico espanhol adotado por Dom Chevalier, monge de Solesmes. Revista de Cultura, vol. XXI.

Além de vários opúsculos publicados, deixou os seguintes livros inéditos: "Em Peregrinação" (1900); "Bilecos", sonetos (1903 a 1905); "Poemetes e Odes" (1905 a 1906); "A Grande Pátria", drama em versos em 4 atos (1908); "Teilhans", drama em versos (1907); "A Pedra", drama em versos em 4 atos (1910); "Palmas I" (1902-1922); "No Extremo Promotório" (1920); "Vinha Florente"; "Plamas II"; "Ouro de Fôlhas Mortas".
ALGUMAS FONTES
— Anais (Os) — da Bahia, 1913. Em vários lugares.
— Chiacchio, Carlos — Revista das Academias de Letras, n. 47, pág. 37.
— Diniz, Almagulo — Esboço analítico da Literatura na Bahia atual. Revista Americana, Ano 2, n. 4.
— Gomes, Perillo — Lira Franciscana. In Critica Doutrinária.
— Lima, Alceu Amoroso — Discurso pronunciado no túmulo de Durval de Moraes.
— Linhares, Mario. Discurso. Revista das Academias de Letras, n. 47, pág. 100.

A VIDA DOS LIVROS

MAFFII, MAFFIO — Cicero e o seu drama político.
Instituto Progresso Editorial (IPÊ)

Maffio Maffio — Cicero, e o seu drama político. Tradução de Maria José de Carvalho. IPÊ Instituto Progresso Editorial S.A.—S11 Paulo, 1948. Coleção Biblioteca Universal N.º 2. 423 págs.

Cicero é um assunto sempre actual. Representou, em um grande momento histórico, o amor à liberdade do homem, lutou por ela, expoz-se por ela, morreu por ela. Desde sempre, por esse motivo, tem merecido de todas as gerações provas de apreço, testemunhos de amor e de gratidão.

Maffio Maffio, como Boissier, tornou Cicero o centro de um mundo e longo estudo. Boissier procurou ver Cicero em seu tempo, entre os seus amigos, irradiando amplas e fecundas influências espirituais. Maffio Maffio procura abranger um quadro mais vasto e ao mesmo tempo mais minucioso: o da política geral da Roma na época de Cicero, com as suas questões políticas, a orientação dos políticos, o papel e a acção de cada personagem, mesmo os secundários, e até muita vez os insignificantes.

A verdade é que parece ter sido ainda o velho Plutarco quem disse a última palavra acerca do orador latino. Plutarco tem sobre os outros vários vantagens: estava, em primeiro lugar, mais próximo de Cicero do que qualquer outro dos biógrafos que têm tratado do grande romano. Em segundo lugar, possuía, com o conhecimento das almas humanas, aquele profundo sentimento de poesia que tanto aparenta as suas vidas com certos dramas shakespearianos. A preexistência de Plutarco no assunto Cicero está plenamente reconhecida e proclamada por Maffio, quando, ao fundar a sua obra, deixando partir a morte do orador português das perseguições de Antonio, recorre ao historiador grego, limitando-se a transcrever a sua narrativa, que nesse ponto é verdadeiramente maravilhosa.

A existência de Cicero tem recortes de heroísmo e de bravura, pouco nem sempre fosse essa — a da coragem pessoal — o impressionante que dele tinham os contemporâneos, a impressão que dele tiveram os historiadores de outras épocas. Sua acção no Senado contra Catilina é um desses episódios. Ficou ressonante para o resto dos séculos aquela oração em que ele denunciou a conspiração de Catilina, agindo na sua sombras noturnas — mas que não arriacou o orador com essa denuncia diante daqueles violentos e daqueles ambiciosos, que de uma hora para a outra poderiam estar donos do supremo poder na cidade! Vemos agora em Maffio Maffio que as informações minuciosas que transcrevem da denuncia de Cicero contra Catilina ti-

nam plena veracidade: conta o biógrafo que existia uma certa Pulvia, a amiga de um dos conjurados, Curião, a qual, por dinheiro ou por amor à República, tinha denunciado a conspiração a Cicero. Não era somente Pulvia a única dama romana que conspirava com Catilina: também Sempromia, mulher de Decimo Bruto, pertencia ao movimento. Expulsa Sulpício que essa Sempromia era uma dama formosíssima, amiga do luxo e do requinte, que vivia uma vida mais de corteza que de matrona. Arruinara-se, e agora esperava que a revolução triunfante lhe refizesse as finanças desfeitas.

O fim de Cicero é realmente um dos mais melancólicos fins de vida que podemos imaginar. Supersticioso como todos os romanos, ele viu em sonhos Jupiter que lhe indicava o jovem Otaviano, sobrinho neto de Cesar, como o futuro salvador de Roma. Quando mais tarde Otaviano se apresentou disputando o Poder a Antonio, Cicero, que por outro lado tinha velhos e graves ressentimentos contra esse amigo de Cesar, desposou com ardor a causa do jovem príncipe. Foi um dos principais elementos de sua vitória. E quando naturalmente esperava poder viver em paz, novamente considerado um salvador da Pátria, eis que o matreiro e ambicioso jovem o entrega a Antonio! Cicero foge. E é então que — pela traição de um outro protegido seu, um liberto chamado Filologo ou Filogeno — é encontrado pelos rebeldes de Antonio perto da estrada de Tuscuto. Presentindo que, tendo sido descoberto, ele pôs a cabeça para fora de sua lileira e serenamente encarou seus algozes. Um deles, Herenio, cumprindo as ordens de Antonio, arrancou a cabeça e as mãos do orador — a cabeça que Huna pensou, a mão que havia escrito as Filipicas. E levou os sangrentos despojos para Roma. Ao vê-las Antonio exclamou:

— Acabaram-se as proscricções!

Assim findou Cicero, e podemos dizer que assim acabaram as últimas liberdades em Roma. Porque o que vem depois dele é a violência, o arbitrio, o absoluto poder concedido ao príncipe: vêm os Cesares.

Cidadão de todas as democracias, o velho Cicero parece-nos ainda hoje viver e atuar. Ele está em todos os corações que não aceitam a opressão ou a violência, em todos os que defendem os conceitos e os ideais de liberdade.

E o seu nome simbólico que ainda hoje podemos contrapor como um resumo de ideais, a todos os doutrinares das misticas políticas que se baseiam na violência ou na tirania, sejam elas da direita, sejam da esquerda.

RIMAS DE JOSE' ALBANO — Ed. Pongetti

Rimas de José Albano. Edição organizada, revista e prefaciada por Manuel Bandeira. Pongetti, 1948. 281 págs.

Para a organização desta obra, Manuel Bandeira teve em mãos todos os livros que José Albano publicou e os que saíram depois de sua morte — as *Reflexões*, a *Algarvia*, a *Cancão a Camões* e a *Ode à Língua Portuguesa*, os *Sonnetos*, a *Comedia Angelica*, a *Antologia*. Teve mais em mãos a obra inédita do poeta que a família Albano lhe entregou para estudo e seleção de novas poesias. Com tudo isso formou este volume, de ora por diante precioso, não obstante os tristes erros de revisão que o aflam. Manuel Bandeira, cujos escrupulos de critico todos nós conhecemos, não quis incluir na obra toda a produção de José Albano: adoptou um critério antes antológico, e ali deixou apenas o que lhe pareceu mais perfeito, mais digno da grande memoria do poeta. Esse alvitre foi-lhe aconselhado pela circunstancia de se encontrar José Albano há muito esquecido e de se destinar a edição actual quasi que apenas a lhe reavivar a memoria. Mais tarde, recolhendo o poeta na brilhante posição que de facto lhe cabe na literatura brasileira, será possível publicar todo José Albano.

Creemos que foi um acertado modo de proceder, e ao menos Manuel Bandeira evitou com essa sua reserva certas criticas ineptas.

Tivemos ocasião de ver, ultimamente, a proposta da edição das *Poesias Completas*, de Raimundo Correia, que demos pela Editora Nacional, algumas dessas criticas, modeladamente ineptas. Uma delas frisava justamente a conveniencia de serem deixadas de lado as obras menores de Raimundo Correia, a conveniencia de só se editar aquilo que o próprio poeta havia seleccionado.

Isso é uma alegação inteiramente frívola, achamos nós. Que Raimundo Correia, artista exigente e severo que era, fizesse uma rigorosa seleção em sua versão, era uma coisa justa e comprensivel, e tanto o era que o organizador das *Poesias Completas*, respeito a seleção por ele feita. Mas, se isso ocorria por um lado, por outro lado era preciso dar, em uma edição critica, tudo o mais que pudessem servir como documentação acerca da biografia espiritual do poeta. E foi o que se fez no segundo volume das *Poesias Completas*, no qual ficou recolhido tudo aquilo que Raimundo Correia pôs de lado em sua obra, acrescentado agora dos trabalhos de circumstancia, por ele produzidos através de sua vida. Poder-se-á imaginar plano que mais justamente conciliasse os interesses da arte de um poeta com as exigencias dos estudos de seus leitores?

Talvez uma distribuição de materia feita num plano semelhante pudesse ter servido a Manuel Bandeira no caso de José Albano: dois volumes (ou, se não desse para tanto, duas partes de um mesmo volume). No primeiro volume (ou na primeira parte) incluir-se-iam todos os bons trabalhos do poeta; no segundo, todos os seus trabalhos secundários, que se destinassem a servir apenas ao estudo dos criticos.

José de Albreu Albano tem sido estudado por vários criticos e biógrafos, como João Ribeiro, Tristão da Cunha, Studart, Mario de Aencar, Antonio Sales, Orsica Aranha, Agripino Grieco, Americo Facó, Luiz Anibal Falcão, Manuel Bandeira. Era um homem extravagante e singular, como vemos no testemunho dos seus contemporâneos, e notadamente em João Ribeiro, que reco-

lteu várias anedotas pittorescas e graciosas do poeta. Manuel Bandeira conta que, sendo aluno de João Ribeiro e grande respeitador desse mestre, o viu certa vez na porta da Garnier conversando com Albano; e este dizia ao seu interlocutor, para escandalo e assombro do menino que o ouvia:

— Não diga asneira, João Ribeiro. Não diga asneiras!

Vivendo dentro de sonhos, como viveu, Albano teve o seu sonho supremo dentro do terreno da poesia: e esse sonho consistiu em ser um poeta do século de quinhentos, um contemporâneo de Camões. Fiel a esse sonho, tudo o que ele escreveu se prende, de uma forma ou de outra, no grande genio dos Lusíadas; seus mais belos sonetos são de puro molde camoneano, sua *Ode à Língua Portuguesa* também o é. Destes seus sentimentos desta sua inspiração camoneana, todos os trabalhos que dele se tornaram conhecidos dão eloquente testemunho. Poderíamos citar para exemplo aquela *Cantiga* que abre a presente coletânea:

Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros,
Desliza um rio de prantos,
E corre um ar de suspiros.

Volta

Tenho na alma dois moitinhos,
Um é de água, outro é de vento;
Ambos juntos e visinhos,
Estão sempre em movimento.
E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros
Dão ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros.

A coleção das obras publicadas por Albano ou por pessoas de sua familia, Manuel Bandeira acrescentou, nestas *Rimas*, quinze sonetos que até agora tinham ficado inéditos. Eis o soneto n.º XI dessa nova série:

Se ponho os tristes olhos no
passado
E no futuro emprego o meu
sentido,
Lamento o longo tempo mal
vivido
E o breve esforço mal recom-
pensado.

E não levanto queixas contra
o fado,
Mas, entre mil suspiros, um
gemido
De brando coração arrepen-
dido,
De brando coração desenganado.

Já reconheço agora o vício
de desejo;
O que procuro mais, menos
alcanço;
O que mais imagino, menos
vejo.

E quero enfim subir em voo
immano,
Para deixar o mundo mafasejo
E lá no Céu achar o meu des-
lcanço.

— Creio que este, bem como os demais sonetos da série, confirmam as impressões que guardava no espirito os admiradores de José Albano. Confirmam que ele foi, realmente, um poeta inspirado e melancólico cujo coração era uma doce e infinita música.

Figueiredo Filho, J. — Meu mundo é uma farmácia — Memórias de um farmacêutico — Instituto Progresso Editorial (IPÊ)

Figueiredo Filho, J. — *Meu mundo é uma farmácia. Memórias de um farmacêutico*. Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1948. 188 págs.

O Sr. J. Figueiredo Filho é cearense, estabelecido no comércio do Crato. Filho do farmacêutico, farmacêutico ele também desde a mocidade, resolveu agora publicar estas suas memórias. São pittorescas, e devem ter despertado muito interesse entre os leitores da região. Para nós, tratando de um meio tão distante, relatando episódios a que estamos tão alheios, o seu interesse diminui sensivelmente.

Contudo, naquilo que se afasta das coisas propriamente locais, no prende a atenção. Encontramos no livro, por exemplo, um certo Dr. Manuel Monteiro, bacharel e farmacêutico, que conheceu em tempos José do Patrocínio Filho, e relatou ao autor de *Meu mundo é uma farmácia* um interessante episódio daquele talentoso, fulgentíssimo cronista. Contou o Dr. Manuel Monteiro que o Zeca certa vez, na Bahia, metera-se numa grande farras, que terminara em grossa pancadaria. Foi parar na policia, com os companheiros. Interrogado pelo delegado deu o seu nome:

André Darrien, francês de la Martinique.

Ficou assim identificado nos arquivos da policia de Salvador — mas foi dormir ao xadrez.

Um encanto dos volumes de memórias encontra-se na facilidade com que se move o escritor para relatar episódios muitas vezes insignificantes, que somente em um livro de tal género poderiam entrar. O que um romancista não contaria num romance, nem um cronista num conto, por ser demasiado leve ou frívolo, um memorialista pode relatar com graça e encanto em uma de suas páginas. Ainda uma vez poderíamos verificá-lo neste livro, acompanhado por exemplo os relatos que o autor faz da vida de seu amigo Teófilo Artur de Albuquerque Cavalcanti, farmacêutico e homem engracadíssimo. Esse farmacêutico inventou curioso remédio — *Agua Bananosa* n.º 3 — que sempre lhe dava excelente resultado quando o doente se lhe apresentava excessivamente caete. Consistia tal remédio em fazer encher de água destilada uma garrafada, na direção da qual, quando ia sendo colocada a água, o farmacêutico fazia três vezes um certo gesto mallecioso e irreverente, muito do gosto dos estudantes e, agora vemos, também dos farmacêuticos. Essa *Agua Bananosa* n.º 3 deveria ter sido mais maior, e não somente no Ceará, mas no Brasil todo, no mundo todo.

O autor destas memórias não diz que não tem nenhuma pretensão a ser homem de letras. No entanto seu livro, muito simples que é como exposição e como narrativa, revela certo cuidado com o aspecto propriamente literário.

A MESA DA ACADEMIA

Na quinta-feira, 30 de Dezembro findo, realizou a Academia Brasileira de Letras a sua última reunião de 1948.

Foi então empessada a mesa que em 1949 vai dirigir os destinos da instituição. Ficou assim composta essa nova mesa:

Presidente, Miguel Osório de Almeida; Secretário Geral, Gustavo Barroso; Primeiro Secretário, Peregrino Júnior (releito); Segundo Secretário, Luiz Edmundo (releito); Tesoureiro, Afonso Pena Júnior.

Foram ainda eleitos: Rodolfo Garcia para diretor da Biblioteca; Variato Correia, para diretor da Revista; Múcio Leão, para diretor do Arquivo; Ataúl-

NOTA A ESTE NUMERO DE "AUTORES E LIVROS"

Com este número, iniciamos o nosso volume X. Com Antonio Vieira, iniciamos hoje a série dos autores brasileiros do século XVII, aos quais será dedicado todo o presente volume.

A seguir a Vieira, virão Gregorio de Matos, Eusebio de Matos, Botelho de Oliveira, Manuel de Moraes, Antonio de Sá, etc., etc.

fo de Paiva, Antonio Austregésio e Pedro Calmon, para a Comissão de Contas.

"SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 171, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Azevedo
Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

— LIZARAZO, J. A. Ozerio — "LA ISLA ILUMINADA" — Editorial El Diario — Santiago — República Dominicana, 283 págs.

A Ilha Iluminada é a República Dominicana. O autor deste livro faz uma exposição cultural e histórica de seu país, mostrando as condições de vida e de prosperidade daquela ilha antilhana. O livro divide-se em dez capítulos — O conceito de Democracia, A Geografia, a História, As Finanças, a Fronteira, A Organização Política, a Educação, a Saúde, e a Justiça Social, a Economia e a Política Exterior. A tese de Lizarazo não podia ser senão a que, em tais circunstâncias, é: a demonstração de que a República Dominicana nada num mar de rosas, a de que toda a felicidade da ilha está realizada pelo governo do Presidente Trujillo.

— Universidade de Santo Domingo, Faculdade de Filosofia, Sección de Linguística y Folclore — "CLASSIFICACION DEL FOLCLORE" — Ciudad Trujillo, 1944, 15 págs.

É a classificação de folclore estabelecida para o fichário e arquivo da Seção de Linguística e Folclore da Universidade de São Domingos, de acordo com as normas traçadas pelo prof. R. S. Boggs no curso dado em 1944, na Universidade daquela República.

Isto foi há quatro anos. Seria de grande interesse sabermos hoje, depois de

volvidos tantos dias, quais os frutos que têm obtido os pesquisadores, mediante a execução do programa tão amplo e tão sugestivo, então traçado.

— REYES, Heitor Perez — "AIRES DE SOLEDAD" — Ediciones de "La Poesía Sorprendida" — Colección "El Desvelado Solitario" — Ciudad Trujillo. República Dominicana — Antilhas — Magos — 1948.

Hector Perez Reyes é considerado um dos valores mais expressivos da moderna poesia antilhana. Nasceu em Ciudad Trujillo em 1927 e é estudante de Direito em sua terra natal. Residiu muitos anos na cidade de Bani e ali foi colaborador de jornais locais como "Ecos del Valle". Publicou depois as "Canciones de un Nocturno Cualquiera" (edição de 10 volumes). Agora edita este — "Aires de Soledad" —, que fica fazendo parte da Coleção "El Desvelado Solitario".

Me, poema es un arbol sediento.

Explica o poeta. E acrescenta:

Un arbol que es de carne y ansiedade Como la vida.

E é essa a sinfonia de abertura desse seu novo caderno de poesia, o qual infelizmente é formado de apenas três poemas.

OS CLASSICOS JACKSON

A editora W. M. Jackson Inc. presta agora novo e relevantíssimo serviço ao Brasil: emprende a monumental edição daqueles que chamamos Clássicos Jackson.

Os Clássicos Jackson constituem uma galeria de 30 volumes, abrangendo autores que valem como uma verdadeira e feliz síntese do poder de criação espiritual dos homens, desde o alvorecer da civilização ocidental até aos nossos dias.

A série dos Clássicos Jackson é a seguinte:

- | | |
|--------------------------|----------------------------|
| 1.º Vol. — Xenofonte | CIRÓPIEDIA. |
| 2.º " — Cícero | ORAÇÕES. |
| 3.º " — Virgílio | GEÓRGIAS — A ENEIDA. |
| 4.º " — Horácio | SATIRAS. |
| 5.º " — Ovídio | OS PASTOS. |
| 6.º " — Dante | DIVINA COMEDIA. |
| 7.º " — Camões | DIVINA COMEDIA. |
| 8.º " — Cervantes | OS LUSIADAS. |
| 9.º " — Cervantes | D. QUIXOTE. |
| 10.º " — Shakespeare | D. QUIXOTE. |
| 11.º " — Diversos | MACBETH — REI LEAR. |
| 12.º " — Diversos | MORALISTAS ESPANHÓIS. |
| 13.º " — Milton | PENSADORES FRANCÊSES. |
| 14.º " — Vieira | PARASO PERDIDO. |
| 15.º " — Goethe | CARTAS. |
| 16.º " — Chateaubriand | FAUSTO. |
| 17.º " — Chateaubriand | O GÊNIO DO CRISTIANISMO. |
| 18.º " — Alex. Herculano | O GÊNIO DO CRISTIANISMO. |
| 19.º " — J. F. Lisboa | LENDAS E NARRATIVAS. |
| 20.º " — Joaquim Nabuco | VIDA DO DR. ANTONIO VIEIRA |
| | MINHA FORMAÇÃO. |

Um novo ano de atividades para a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco

Tendo, a 2 de Dezembro próximo passado, sido procedidas, em Assembleia Geral Ordinária, as eleições da nova diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, ficou ela assim constituída:

Conselho de Administração — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manoel Cezário de Brito, Diretor; Manoel Maroja, Diretor.

Conselho Fiscal — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônido Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Nock Maranhão.

Como se vê, foi novamente escolhido para o posto de presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco o Sr. José Pessoa de Queiroz.

Para Secretário daquela ins-

tuição foi eleito um outro grande representante da indústria do açúcar no Brasil: o Sr. Armando Monteiro, que, pela sua inteligência, pela sua capacidade de trabalho, e pela finura do seu espírito, tanto tem honrado o glorioso Estado nordestino.

Entre outros membros da diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, conta-se também a figura ilustre do Sr. Manoel de Brito, homem de raro espírito de luta e de trabalho construtivo, que tem dedicado toda a sua vida e todo o seu esforço ao levantamento da indústria pernambucana.

Espera-se, portanto, com a nova diretoria, que a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco terá um novo ano de muito trabalho e de grandes realizações.

FONTES, IVAN — *Imagens e Emoções* — Editora Minerva

Rio, 1947, 109 págs.

Ivan Fontes é sergipano, nascido em Aracaju em 1920, e acreditamos que pertence à mesma família que deu ao Brasil da primeira metade deste século dois dos seus poetas mais representativos — Hermes Fontes e Martins Fontes. Iniciando sua carreira política em Aracaju, logo a interrompeu para vir fixar-se no Rio de Janeiro. Aqui exerce, hoje, a sua atividade preferida, que é a de advogado. São esses os dados relativos à biografia do poeta, os dados que encontramos no prefácio escrito por Asterio de Campos para estas *Imagens e Emoções*. No mesmo prefácio, Asterio de Campos declara encontrar na estesia dos versos de Ivan Fontes a mesma estesia de Hermes Fontes. Até aí não tremos nós. Hermes Fontes caracterizou-se, em poesia, ao que nos parece, pela abundância do seu estro, abundância que muitas vezes o levava a excessos de mau gosto, a extravagâncias, a paroxismos. Não é isso o que encontramos em Ivan Fontes, poeta que, pelo menos nestes versos de estreia, nos parece medido, correto, disciplinado às normas essenciais da poética, da arte, da inspiração.

Ele não deseja, por exemplo, nenhuma eloquência, nenhuma grandiloquência em sua poesia:

Eu quero que meu verso seja [pluma]
Eu quero que meu verso seja [gase...]

Assim nos diz ao abrir a sua coletânea. É verdade que esse programa nem sempre é cumprido, e que aqui e ali ele assume notas de alta ressonância, e mesmo grandiloquência. Veja-se, por exemplo, o soneto intitulado *Fecharão o Album*, com o qual encerrou o seu livro. Dirigindo-se aos seus colegas da Faculdade de Direito — vanguardistas do Ideal, romelros do Direito — o poeta nos fala aqui como um autêntico prolongamento daquela corrente dos poetas sociais, que na época da propaganda da Abolição e da República, tão longamente proliferou em nosso país.

Com referência à técnica da poesia de Ivan Fontes haveria talvez anotações a fazer, e estas seriam acaso interessantes: certo gosto que ele revela pelos neologismos, como nesta frase: *A hora crepuscular, o Ideal se australiza*; seu amor à música onomatopéica das ressonâncias,

como neste verso: "Ao claro clamor constante da cascata": seu gosto pelas imagens faustosas, como no soneto "A um poeta":

As estrelas que estão na altura,
[olhando a vida,
São pétalas de luz da noite
(merencória).

Para darmos ao leitor uma idéia exata da poesia de Ivan Fontes aqui transcrevemos um dos trabalhos mais expressivos do livro — *A Canção da Chuva*:

Chuva monotona, profundo
requiem dos tristes passionais,
daquelles que andam pelo mundo
ouvindo sempre "nunca mais"...

Como é pungente a ária da
[chuva
tamborilando nos vitrais!
O coração, tristonho, enviava
nesses destellos hibernais.

O frio e a chuva são o arcano,
Doce harmonia dos casais,
falam de algum carinho hu-
[mano,

recordações sentimentais...
A tarantela dolorida
dos pingos d'água, gotas de sia,
é o cantochão de vossa vida
— ventura e enlêvo dos demais.

Mulher desejo, anáia, mira-
[gem]
(Continua na pág. 11)

procurem
NAS LIVRARIAS
OS GRANDES
ÊXITOS
DO "IPÊ"!

3 — GRANDES — 3 HISTÓRIAS DA LITERATURA

Attilio Momigliano
"HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA"

Uma obra viva, de pura inspiração
crociana, e uma das mais inteligentes
e ousadas tentativas de interpretar
a história de uma literatura
como criação puramente estética.
— Cr\$ 15,00

Paulo Chestakowski
"HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA"

Panorama completo das letras russas,
esta obra focaliza a complexa
psicologia eslava e nos esclarece sobre
uma das mais impressionantes
manifestações literárias da história.
— Cr\$ 15,00

Thomas H. Dickinson
"HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA"

Trata-se da mais completa e atualizada
história da literatura estadunidense
desde suas origens até as
modernas experiências de Faulkner,
Sartre, Hemingway, Kerouac e tantos
outros.
— Cr\$ 20,00

Uma
interpretação
de
MUSSOLINI
por
RAQUEL MUSSOLINI
"MINHA VIDA
COM BENITO"

...uma trágica mulher que
não ambiciona escrever um
documentário mas simplesmente
a história de uma vida, de
um casal, de muitas aventuras
e muitas tristezas. Cr\$ 40,00

O LANÇAMENTO SENSACIONAL DE DEZEMBRO

Felo Reembolso Postal
IPÊ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Nome
Título
Endereço
Cidade

INSTITUTO
PROGRESSO
EDITORIAL S.A.

Como me tornei tradutor de Heredia

SEVERINO MONTENEGRO

Há vários meses atrás publicou Mucio Leão um interessante artigo sobre as minhas traduções de Heredia. Quando tive o prazer de lhe enviar alguns desses sonetos, por intermédio de um amigo comum, estava bem longe de supor que haviam de despertar do ambiente homem de letras patricio uma consideração especial.

Assim é que me vi, a quem que por sua exclusiva generosidade, golpeadamente jogado ao reconhecimento das lides literárias, figurando nos olhos do leitor desistente como uma revelação espontânea de poeta que lid de conheci, um dia, "uma gloria nobre e despreendida, amada de certo por poucos, mas, no final de contas, uma gloria invejável". O destino tem, sem dúvida, os mais variados caprichos.

Em meu estudo, o Ilustre Acadêmico não habilitava-me ao relevo o seu temperamento de escritor apressado, tendo toda uma trama de expressões eufemísticas, procurando vêr, na minha apagada atividade, um verdadeiro romance, e bem verdade fora do plano sentimental, porém preso nos sonhos e devaneios curtos do prazer do espírito.

Jamais procurei desfazer essas impressões, tal o sabor do comentário elegante, claro e preciso, e nem mesmo influir para isso a vontade de responder a certo critico menos avisado, que me acusou de haver cometido uma traição para com a arte augusta de Heredia.

Quando fez o seu trabalho, o sr. Mucio Leão não me conhecia pessoalmente. Julgou talvez, dando pelas a fantasia, fosse eu um temperamento ardente e apaixonado, capaz de me afetar de maneira exclusiva, total, patética em suma.

De bom grado aceitaria este conceito, porque ainda no mundo me parece melhor do que prezar a irrelevância, inventar coisas que não sentires realmente e assim viver, numa espécie de ilusão conciente, que sempre nos ensina a verdadeira medida dos motivos da existência.

A poesia de Heredia, tanto como a minha própria — ou a de qualquer outro, muito pouco até hoje na minha vida, apesar do incenso odioso — os dois que me atissem ao carro dos grandes poetas, da grande a reivindicar para o meu espírito um farrapo por pequeno que seja, de sua importância ou prestígio.

Na minha adolescência, o conhecimento de Heredia — não foi além de poucos sonetos, que com verdadeiro satisfação pude ler em seleções francesas.

Já então dedicava-me exclusivamente ao culto das matemáticas, reconhecendo no estudo dessa disciplina uma sincera e bem fortalecida vocação.

Alimentava a velocidade de ser um magno conhecedor do assunto, e, naqueles dias de juventude, quando vez sopessei enaidecido uma barra de giz, sem atender que a sua alvura imaculada era a forma material de contraste com a minha mal nascida presunção e vaidade.

Fora imaginações semelhantes, de algum modo, as coisas das grandes rios. Tudo se me afigurava que, batendo as águas, com o retorno ao leito, o solo estaria mais propício à fecundação. Mas, em breve, compreendi que o terreno era árido em demasia e não ajudava o rejuvenescimento. E alguns dias depois, felizmente, libertaram-me mil deprezações deste ciclo pernicioso em que, vamente, se debatiam a minha vontade e a deficiência dos meus recursos.

Entre, muito cedo para a vida prática e da família. E agora vãos rastros e pouco frequentes no campo da poesia, só tornei as minhas vistas para esta 10 anos mais tarde, quando no apice da mocidade, com 30 anos completos, procurei cultivar algo que voluntariamente havia desprezado.

Datam daí os meus primeiros e verdadeiros contactos com o imortal poeta de "Os Troféus".

Há momentos na atividade do homem, menos afeto ao sonho ou à fantasia, em que a realidade como mão satisfaz. A vida, no seu aspecto vulgar e prático, flue numa desolada monotonia.

Percebemos então alguma coisa que desconhecemos, numa aspiração que trás as vozes, em um simplicidade, a flama de uma volúta e inextinguível cruzada. Será o caso de examinar a maneira do grande Anatole France: "qui voulez vous?" E responderemos a nós mesmos: "Je veux autre chose".

As minhas traduções de Heredia como outros trabalhos que tenho produzido e mantido inéditos, talvez para o meu próprio bem, nasceram, casualmente, dessa hora de tedio a que me refiro, em que nos debatemos, irresistivelmente, de quando em vez, tentando alcançar algo que nos escapa, mas sem dispor de forças e recursos bastantes para agarrar os nossos mais ardentes desejos.

A matemática, aparentemente fria, trouxe, sem dúvida, para minha formação, certas preferências especiais.

Sentia, à outrance, a inclinação para a forma clássica do pensamento, — a ordem, a clareza, a distinção da linguagem, a elegância, o bom gosto em suma. Todos os critérios estéticos dominantes e que se resumem, em última análise, naquela sentença de harmonia, do equilíbrio e de proporção, o sentido geométrico por excelência, preso às formas e acentos das estrofes coloridas e perfeitas, das rimas vibrantes e sonoras.

Essas tendências naturais, tão em desacordo com a mentalidade da época, levaram-me sem dúvida à leitura daqueles poetas e escritores que fundaram sua elaboração artística, à maneira do estilo clássico da literatura helena.

Seguido à risca esses ditames, que a mim mesmo me impuz por conveniência própria, procurei encontrar alguma compensação no passado remoto ou pouco afastado, numa evocação à graça e à beleza do espírito antigo, esses monumentos harmoniosos da criação clássica.

Julgava certamente que estes eram os vínculos que me uniam por temperamento e educação. Já de há muito os "acordes fundamentais dessa harmonia das esferas, sonhada por Pitágoras e Kepler", não formam agravelmente os meus ouvidos.

Hoje compreendo que estava completamente enganado. Aquela espécie de *idiosincrasia* literária para as coisas modernas, que parecia condenar-me irremediavelmente no passado, não era absolutamente um mal sem cura. Para tal bastaria nas minhas próprias concepções de liberdade, o desapego total às ideias tradicionais ou conservadoras, o meu duplo sentido de mutabilidade e evolução, que tantas vezes tem me levado a incoerências manifestas e agradáveis. E se ainda hoje é com prazer que me deixo fascinar pela forma tradicional do verso clássico, mantenho, todavia, a convicção de que as escolas nada valem no aspecto formal. O que interessa é "preservar a beleza e ver brilhar o claro inextinguível da alma humana".

Lucien Arvat traçando magníficos perfis de poetas franceses, encontra em Heredia um composto de cristianismo heróico e devoção cavalheiresca. Em Leconte de Lisle uma espécie de paganismo requintado, todo feito de mitologia e metafísica. Estes dois poetas, acentuam, surgem no mesmo movimento, que, no curso do século dezenove, têm íntimas ligações com a resurreição das ideias antigas. Foram, neste particular, pela própria natureza, origem e impressões, os mais ilustres expoentes da poesia francesa.

Leconte foi o mestre, Heredia o discípulo. Suas obras se avizinham e se tocam. A impressão generalizada é de que ambos buscavam refúgio contra os desgostos da vida presente, na miragem das eras passadas ou no esplendor dos céus impenetráveis e estranhos.

Desdenharam os acentos pessoais, a sensibilidade exagerada, até mesmo a flama íntima de que eram possuídos. Aparentemente nada mais guardaram que a preocupação da forma.

Max Henriquez Ureña referindo-se a Heredia, na sua valiosa tradução de "Os Troféus" para o castelhano, afirma que, ao contrário do seu homônimo de Cuba, ele foi tão só um espectador inteligente que amou antes de tudo o sossego. Levado para uma vida contemplativa, afeiçoado ao estudo de história, revivendo o passado, onde buscou, com perseverança e afino, o desenvolvimento de suas faculdades, enamorado da perfeição, foi um cinzelador paciente que aspirou apresentar a sua poesia como obra impessoal, fora de sua própria individualidade, livre, por consequência, de qualquer alusão à sua vida interior, a tudo que lhe parecesse demasiado contingente ou particular.

Mucio Leão, no trabalho a que aludi, expressa também, com muita propriedade, um conceito significativo que resume todo o verdadeiro sentido da poesia herediada. Os sonetos imortais de Heredia constituem, na verdade, "uma síntese perfeita de abedoria histórica e científica o encerram com essa síntese um profundo sentimento de verdadeira poesia".

Realmente, tomemos ao acaso, entre suas obras primas, "Après Cannes" e "La Trebia", instantâneos históricos da época do império romano.

Notam-se, evidentemente, o sentido claro e, objetivo do quadro, a reminiscência do fato historicamente comprovado. A realidade resalta, quase a nu, tal a força de expressão e a multiplicidade das palavras romanas cientificamente exatas. E como ali se revela o artista puro e exímio, que está inteiramente seguro da atividade que desenvolve. E "Depois do Canes", de nos que repinta uma Roma apavorada por uma obsessão: o pensamento de Anibal. Como chegamos a sentir este mesmo temor, mesclando a nossa ansiedade com aquela dos romanos que, a cada momento, esperavam ver o general Cartaginês, montado em seu elefante, descendo as encostas dos montes Sabinos, sob a luz sangrenta do sol?

Em "La Trebia" o mesmo motivo histórico, a mesma precisão de palavras sabiamente escolhidas. Como nos apercibimos, depois da chuva inclemente, o transbordar do rio, o cônsul Sempronio, altivo na sua glória nova, fazendo erguer os estandartes para a marcha dos leitores.

E o tom de força do último verso do soneto, "que ecoa como um longo gemido de órgão".

"Le pietissement zourd des légions e marche".

A obra de Heredia, apesar de pequena, é tão concentrada e variada nos seus múltiplos aspectos, que será impossível destacar, num artigo, to-

dos os pontos que interessam a um verdadeiro estudo. Não é esse, todavia, o meu escopo, nem pretendo abordar uma tarefa de tal magnitude, pois tenho consciência exata de que me falta fôlego para percorrer nesse sentido. O meu objetivo é muito mais modesto, e colino, unicamente, estabelecer uma medida justa entre o que foi dito e a realidade, sem, entretanto, apresentar negativas importunas.

Já na obra de Heredia um soneto belíssimo que marca toda a força de sua inspiração poética. Trata-se de uma síntese psicológica de inextinguível alcance, a penetração histórica dos aventureiros que, como um bando de gerifaltes, longe de pouco natal, lançaram-se a conquista de novas terras. Estrofas novas dão uma nítida visão dos mundos a descobrir, enquanto as forsecências dos mares tropicais encaixavam o sono dos capitães com miragens de ouro. Como o amor de força e de luz está amplamente caracterizada pela existência de palavras vibrantes e violentas e rimas sonoras, de vocabulário rico de substância e fulgor.

Foram "Os Conquistadores" que me induziram a vertir para o português os sonetos de Heredia. Nessa época não havia de minha parte a menor preocupação ou plano preconcebido.

Conhecia eu a tradução de Raimundo Correia, e bem me lembro de como o nosso grande poeta não conseguiu penetrar-se do simbolismo delicado, que revela o fecho desse admirável poema. Assim é que teutei traduzi-lo, por simples dilettantismo, sem alimentar nenhuma pretensão literária.

Uma coisa puxa outra, um soneto arrasta os demais. Quando remeti ao sr. Mucio Leão 10 produções, que me pareciam melhor trabalhadas, já me havia aventurado amplamente neste terreno difícil e complexo de verdadeiras elocubrações poéticas. No comentário que fez acerca dos meus despretensiosos trabalhos, o sr. Mucio Leão escolheu, dentre eles, para apresentar ao público, a tradução do "Velho Ourives". Fez isso naturalmente, porque conhecia perfeitamente a bela técnica de ourivesaria com que foi composta esta peça de fino labor literário. A arte sutil e caprichosa que presidiu a realização de "Le Vieux Orfèvre" permitiu a Jules Lemaitre fazer algumas observações que o sr. Mucio Leão achou de bom alvitre recordar.

Aquêle dizia: "Acreditais que seja possível substituir, sem prejudicar o soneto, as rimas que nele foram usadas? Nota, em primeiro lugar, que diversas palavras, que forneceram as suas rimas, são palavras essenciais do vocabulário do ourives, do armeiro. Além disso, sente-se muito bem que uma rima aberta, em *ère* ou em *ais*, por exemplo, não teria cabimento aqui, e perceberemos que o *i*, vogal aguda como a espada, fina e delicada como as joias, é que devia dominar no fim dos versos. Sem dúvida a rima em *rie* (*pierrerie, fleurie, orfèvrerie*) não teria sido mal escolhida; mas quem não sente que a abilitante adotada, que se junta à vogal afiada (*frise, irise*) nos leva a imaginação à arte de cinzelar, de fazer um estilete aguçado ferir um metal".

"Severino Montenegro", afirmava Mucio Leão, não pode ter, em sua tradução, essas preocupações estéticas e técnicas — preocupações de poética e de ourivesaria, como as teve Heredia. Parece-me, entretanto, que a sua tradução do delicado soneto é digna de louvores".

Na verdade não as tive, nem poderia pensar em telas, naquela ocasião em que iniciara a realização de uma tarefa sem base suficiente para me aperciber claramente do que estava produzindo.

Essa circunstância levou um crítico de Campos do Jordão a escrever ao ilustre homem de letras, protestando contra os louvores que me foram creditados, pela sua admirada pena.

Grande período já decorreu daquele tempo a esta parte, para que me seja lícito comentar as observações do arduo polemista. Agora, cabe-me, somente, dizer que muita coisa do que disseis estava certo, com exceção de que eu pudesse alimentar maiores pretensões quanto ao meu trabalho e o soneto que apresentei, em substituição, obedecendo nos rigores da técnica herediada, mas uma peça de indiscutível mau gosto.

Por oportuno, devo reproduzir aqui o soneto em causa: a tradução antiga e uma nova, vestida agora de novas roupagens que proporcionam semelhantes mas justa com o original. Assim o leitor poderá apreciá-las, comparando as duas traduções:

O VELHO OURIVES

Melhor que outros, pesar do renome e grandeza,
Jimenez, Becerril, Ruiz ou Arfeu usado,
Beritos e rubis e áforas hei lavrado,
E n'a asa sei torcer com pericia e leveza.

Em prata e sobre o iriado esmalte que a embeleza,
Esculpida deixei, — a alma tendo arriscado, —
Não o Cristo na cruz ou o santo supplicado
Mas — vergonha — o ébrio Baco ou Danaé

[surpresa,

Os cabos embuti de punhais e de espadas,
E, para orgulho vão da sobras condenadas,
(Continua na página 12)

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

Hotel de l'Estérel — Cannes.

Maio, 3, 1903.
Meu caro Dr. Graça,
Faca-me o favor de ler e mandar essa carta a Mme. Ferreira, Mando-lha para ver n'has intenções a respeito dela e dos trabalhos.

E' preciso que lhe mandem de Paris os documentos impressos da Segunda Memória para organizarmos a exhibição das provas certificadas e originais para qualquer exigência.

Al val a carta do Fialho. Estamos todos reunidos desde ontem, e todos chegamos bons.

Muitas saudades aos seus
Do seu dedicado

J. N.

Cannes, Maio, 6.

Meu caro Dr. Graça,
A vista do telegrama do Rio Branco peço-lhe o favor de passar este telegrama era vez do outro.

No caso de telegramas desses mando-me pelo telegrafo, somente a summa, remetendo a copia pelo correio ao nosso apêndice eram desnecessárias e sobrecreveram muito o preço.

Sei que tudo o que o sr. faz é bem feito, e nunca lhe acho falta, estou-lhe somente dando maior liberdade económica.

Do seu Mto. af.º

Joaquim Nabuco

Hotel de l'Estérel — Cannes.

Maio, 6.

Meu caro Dr. Graça,
Só tenho tempo para lhe enviar o cheque para os telegramas. Peço-lhe fazê-lo lancar em minha conta oficial, porque tenho outra.

Muito sinto a epidemia, mas conto que terá intellegimento passado a esta hora e que Heloisa fará excepção.

Mando-lhe essa carta do Tobias em que há uma referência ao sr.

Pelo que vejo o Imperador eclipsou aí o nosso Rei. Ele é um homem de imaginação e pintor histórico. O assunto é porém sempre o mesmo.

Do teu Mto.º dedicado

J. N.

Hotel de l'Estérel — Cannes.

12 de Maio.

Meu caro Amigo,
Estamos aqui tão bem, sozinhos no hotel, que só não fecha por nossa causa, em um parque, numa cidade toda de jardins, que considero uma fortuna poderemos ficar mais uns dez dias.

Nelas adeantarei muito a minha Memória e só me restará depois de mais umas cem páginas que dividirei pelos meses que ainda tenho, folha a folha, de 8, mesmo de 16 páginas, para autores e impressores me podem facilmente acompanhar. Estou, porém, quase precisando já dos meus caixões deixados aí para o Veloso m'os trazer mais tarde, e seria mesmo muito melhor se os tivesse comigo. Não preciso dele por enquanto, nem do Raul, mas precisarei do primeiro logo que tenha acabado esta minha primeira tarefa, e do segundo talvez ao mesmo tempo, porque é (Raul) é que vai ser o portador do original e o Impressor-Mór, ou Superintendente das impressões da segunda Memória. De Veloso preciso quanto a esta para a fixação do original, que precisa de ir com diversos trechos copiados.

Como fazer, porém, para ter aqui sem demora os meus caixões não vindo nenhum deles? Cannes é um Paraíso, mas está tudo agora solitário, parecendo encantado, e exceto pela vizinhança de Monte Carlo eu não quisera condenar nenhum deles a este desterro, além de que neste momento tudo me interrompe, estou em condições ideais, de absoluta liberdade, para o trabalho, e por isso tenho caminhado tanto que me sinto desoprimido. Um portador inteligente, que viesse como um fuzil, armado de um salvo-conduto para a alfândega, com bilhete de ida e volta de 2.ª, seria talvez o melhor. Ou assim: tomar uma passagem de 3.ª sem portador, fazer com esse bilhete despaçar o bagagem para Genova, remeter o bilhete pelo correio ao Martins. Não, há muito perigo em tudo isto, tratando-se da causa pública. O melhor é o portador seguro, o Barros Moreira que tem o gênio de um Whiteley, arranjará logo esse artigo. Ainda não sei suas intenções nem as dele, e isso em parte faz que eu não saiba as minhas.

A esta hora Dona Yayá deve estar livre da vacina romana. Muitas saudades nossas. Os meninos também estão melancólicos.

Do seu Mto.º dedicado

J. N.

P. S. — Não faço nenhuma injustiça ao Cardoso. Ele mesmo é uma irmã de Caridade. Se receio foi mais pelos outros, e por supor que a nossa amiga estava perdida e não podia ser útil sem matar-se mais depressa no meio de estranhos.

Não houve egoísmo na precaução, mas interesse pelos filhos que não conhecem o perigo e extremos não tomariam a menor cautela, como mesmo em família, se deve tomar. Não quero sombra na sua eleição por ele, ainda menos lançada, involuntariamente por mim.

J. N.

Vão esses bonbons para o Raul. Os meus Jornais do Comercio de 12 a 15 de abril não me foram remetidos daí. Senti tanto mais quanto perceo assim os três primeiros artigos do Tobias sobre a Chanaan Paranaense. Veja se os acham. Esse serviço não me parece feito com a severidade do implacável Wagborn, o trineu-secreário de Southwell Gardens. E Temistocles? E Heloisa? Estou sempre a estimular os meus com os progressos deles aí em Roma pelo que me disse.

Hotel de l'Estérel — Cannes.

Maio, 18-1903.

Meu caro Dr. Graça.

Estive trabalhando muito ativamente na Réplica e parei. Foram uns vinte e tantos dias de muito resultado, tenho, porém, medo de *faire sauter la machine*. Por isso descanço esta semana, o que quer dizer que tenho tempo para pensar nos amigos daí... que me esqueceram. Até sábado devemos estar em Genova. A Itália decididamente me conquistou e sinto falta dela. Cannes é um paraíso, mas artificial todo ele, isto é, os jardins e as palmeiras. Parece só ter plantas decorativas e flores condenadas a perfumaria. Uma destilação dubin em plena Bagdad, é para fazer detestar a vista das ruas! Ruskin não se daria bem entre estes jardins e parques, nem o meu velho Tautphoeus,

que detestava o convencionalismo, sobretudo na natureza. A cultura das flores, a industria, e o "milhão", tiram em grande parte a frescura deste cenário, exceto, essas preconcitos, admiráveis. O mar mata o lago, e por isso aqui não se compreende o prazer de voltar a Subisa. O hotel está somente aberto por nossa causa, não tem outros hóspedes, estamos portanto em uma grande vila, servidos por automaticos que não nos dão nenhum incômodo. Em tais condições trabalhei a valer, mas, como lhe disse, cansei. E' uma grande empresa em que me meti. Sinto a necessidade de muito isolamento para o trabalho, de muitos amigos para a distração, de uma biblioteca para as consultas, de tradutores, copistas e auxiliares perto, dos livros, que tenho em Londres e dos que tenho em Roma, do Trope e do Huillard, de um bom clima de verão e outro de outono, de ir a Roma, de tratar-me dos ouvidos, de vir às águas, de contentar a todos que me ajudam, etc., etc. Não falando de não me arruinar com as viagens! — Não sei como conciliar tudo isso.

Aqui está o que tenho feito: Escrevi boa vontade da Memória! Deixei o resto para Junho. Prefiro agora dos meus caixões; não tenho necessidade indeclinável do Veloso, mas é bom que ele venha, preciso, porém, muito do Raul, a quem vou encarregar um trabalho de muita atenção, cuidado e trabalho. Peço-lhes que até segunda-feira próxima estejam em Genova. Seguramente o Veloso com os caixões deve estar lá na segunda de manhã. Se não faz-me perder um dia! Enquanto não passar o prazo dos 40 dias, tenho que estar a espera dos documentos, se vêm ou se não vêm, e chegados, ou não, terei que ir a Roma. Quero ver se em Genova adianto bastante o meu trabalho. Estou muito contente com a réplica, mas estou com grandes pretensões e o prazo é curto, e se não tiver um intervalo de descanso chego ao fim sem a presença precisa para as últimas demonstrações. Estou, porém, por ora, muito satisfeito, dei com verdadeiros velos na minha mineração subterrânea. Se não vencermos estou convencido que não terá sido pela defesa que fia.

De-nos notícias suas, de Dona Yayá e dos meninos. Ainda a julgamos marcada pela erupção romana. Precisamos novo boletim.

Muitas lembranças afetuosas a todos da Via delle Muratte e do Corso e do Vaticano.

Do seu Mto.º sinceramente

Joaquim Nabuco

Diga tudo isso ao Barros Moreira. Vejo com imenso prazer que o Rio Branco se vai esquecendo dele. Não me parece natural passando este ano que mande outro colher o que ele está fazendo. A propósito que diz o Cora? O Matias de Carvalho talvez possa também dizer alguma coisa. A esta hora alguém já deve estar estudando a questão. Quem será? Quem é? Não tenho tido nenhuma reportagem a esse respeito. Há tanto segredo assim em Roma? Por ora infelizmente só me posso ocupar das Memórias que restam, não tenho um minuto a perder e não posso estar aí. Mas o Encarregado de Negócios deve estar vigilante e informar-se. Diga-lhe isso.

J. N.

Cannes, 19 de maio de 1903.

Meu caro Dr. Graça.

Deixei de trabalhar há três dias e agora preciso de receber o que aí ficou. Há a trazer dois caixões n.º 2 e n.º 5, um pacote de livros, e os Atlas ingleses, tanto o apresentado agora, como o apresentado na questão de Venezuela. Este creio que eu não separei para me ser trazido, mas está no Caixa dos

Atlas. Espero ter tudo isso, com ou sem Veloso, na próxima segunda-feira em Genova. Apesar de ter feito muito, o que me resta a fazer é tanto que não posso perder um dia.

Estes dias de descanso que tomei têm sido de liquidação de atrasados de correspondência, etc.

Nada sei de ninguém, nessa imensa treva vejo apenas o Costa sobre as ondas lutando contra a corrente!

Realmente tem sido um jogo de Ministros! No fundo eu creio que ele gosta dessa agitação. Agita-se pelo menos tanto que não deve ser-lhe muito sensível se o agitam.

Do seu Mto.º Af.º e dedicado

Joaquim Nabuco

Cannes, 20 de maio de 1903.

Amanhã partimos para Genova por San Remo, parando aí um dia. Sábado já me pode telegrafar, etc. para o Eden Hotel ou para o Consulado. Precisamos agora ver onde nos poderemos encontrar, isto é, os nossos. Depois a distância pode tornar-se maior — ou menor.

Devolva-me a carta do Machado. E' somente para lhes transmitir o conforto que me causa a atitude sempre igual do chefe. Lembra-se que eu pedira uma benção do peito para os seus cardenas de Roma. Ele nos manda a benção, porém, como cura de aldelá! Que somos nós senão isso? Envergonho-me de ter tido a ideia dos cardenas. (Alisa e jorem figura dos dois outros faz pensar em cardenas da Renascença). Nós não temos a língua Católica. Mesmo no seio da nossa pequena igreja local os portugueses, que também formam aldelá, nos consideram cismáticos. Até breve. Do seu de Coração.

J. N.

Hotel de l'Estérel — Cannes.

21 de maio 1903.

Meu caro Amigo,

Como Mme. Ferreira é sua própria epidemia, e não quero por isso desgastá-la, nem decidir nada a respeito dela sem seu conhecimento, peço-lhe que leia, e encaminhe essa correspondência, fazendo o possível para ela não se querer substituir ao Ruffier, matando-se e deixando-me no meio do caminho, como com a Primeira Memória. O sr. compreende bem a minha posição. Mas não lhe posso falar como amigo. Ela sente sempre o chefe. Mova-a portanto direito daí, to-

mando conhecimento da situação.

Do teu mto.º af.º

Joaquim Nabuco

Hotel de l'Estérel — Cannes.

23 de maio 1903.

Meu caro Dr. Graça.

Ontem escrevi-lhe um tanto cansado, portanto nervoso, sobre Madame Ferreira. Não quero, porém, que ela se torne o centro dos trabalhos da 2.ª e 3.ª Memória, e se a residência dela, em vez de um local neutro, fosse escolhido para sede, isso importaria em uma eleição. A eleger alguém eu decididamente elegia o Ruffier. Voila tout! O Zaguary escreveu-me, pedindo que a licença fosse com ordenado... para cantar! Respondi-lhe que não era certo tomar a cigarra quando viesse o inverno. Não me servi dessa imagem.

Hoje partimos de Cannes. Domingo estaremos em Genova.

Sua carta me abala muito. Com os seus amigos que são muitos e influentes e dedicados talvez possa crear uma posição boa e independente no Brasil. A do Pires Brandão vale de certo a de Ministro do Exterior. Conto com o Rodrigues, Tobias, Pedro, muitos outros para o ajudarem. Se o Domício e o Varissimo o chamam, é que vêm isso. Também o Rio Branco pode querê-lo. Quem sabe? Não sei que destino lhe podem estar reservando lá. Quanto aos descejos da família e da sua, sua mãe é preciso tratá-los carinhosamente, porém, como chefe de família, que tem a responsabilidade do monarca, do office, sagrado, e deve dirigir e não ser dirigido. E' preciso em tudo pesar o presentimento, a adivinhação, de Dona Yayá, mais do que o resto. E seu sogro, o que diz?

Não lhe posso dar nenhum conselho senão talvez o de não deixar o seu lugar sem certeza de compensação imediata. O clima de que está gosando tem que ser levado em conta no seu ativo atual, e o descanso. Um e outro significam saúde, vida, anos vencidos no crescimento e educação dos seus filhos, a significam, criação, glória, que aproveitaria daí, e são de fato uma expectativa de pensão ou beneficência nacional certa. Só deveria trocar esses títulos atuais por vantagens grandes, indiscutíveis, de acumulação segura para os seus. E' este o meu (Continua na pág. 12)



Não há maior Beleza
UNIVERSAL
Genève
RELOGIOS E CRONOMETROS DE PRECISÃO
A VENDA NAS BOAS CASAS

"O CORVO", DE EDGAR POE

VIII

Tradução de EMILIO DE MENEZES

VII

Abro a janela e vejo entrar, ruidosamente,
Amplas asas batendo e ares de fidalguia,
Um magestoso corvo altivo e irreverente
Como arauto feral da noite erma e bravia.

Sem fazer o menor sinal de cortesia,
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
Como entraria um nobre, alta dama entraria.
Entrou e se alojou despreocupadamente.

Vagabundo e solene, ar indolente e farto,
Exatamente sobre a entrada de meu quarto,
Seguro abrigo achou acima dos portais.

Esta recordação até agora me enerva:
Sobre um pálido busto antigo de Minerva,
Rígido e senhorial, postou-se e nada mais!

VIII

A este pássaro audaz, de ébano a cor das penas,
Grave na compostura e na fisionomia,
Que ao cérebro me dava idéias mais serenas,
Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia.

Volando-me disse eu: "Tu que te não encerras
De altas crias ou poupa à negra frontaria.
Velho corvo feral que te mostras apenas,
Certo, não és o vil fúnculo da covardia.

Corvo! antigo viajor que das regiões da noite
Partiste a procurar um teto que te acolte,
Dize-me tu quais são teus títulos reais!

Qual a pátria ante a qual teu orgulho se ufania?
Quais as tuas regiões na noite plutoniana?
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!"

IX

Ao perceber assim que a ave me compreendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.

Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste dólido um guia
Para o tirar do caos em que a alma se emaranha!

Ninguém verá como eu, a ave negra num busto,
Sem que movo o recelo e sem que a mova o vulto,
Tranquila espreguiçando as asas triunfais,

Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade atroz que me consome,
Dizer-me simplesmente a frase: "Nunca mais!"

X

A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,
Sobre cuja brancura as asas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;

Pôse do pensamento um invólucro agusto
Chão de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao meus, a custo,
Uma pluma moveu da plumagem macia.

Eu que continha mal toda a minha saudade,
Apenas murmurei: Amigos de outra idade
Tive, partiram; certo, assim também te vais!

Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive assim fôstes embora!
E o corvo repetiu a frase: "Nunca mais!"

XI

Todo o assombro em meu ser por tremor se anuncia,
Ouvindo a ave augural sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia
Que inda agora, a lembrá-la, eco por eco a sorvo.

Certo a frase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Da dor o escravizou à feroz tirania,
E a sabe assim de cor, o foragido corvo!

Tantas vezes a ouviu. Tão repetidamente
O seu mestre infeliz lhe fez vibrar na mente,
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!

De profundos! cruel de uma morta esperança,
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança,
Do corvo este estribilho, este só: "Nunca mais!"

XII

Como apesar de tudo a calma conseguia
Fazer-me d'alma vir, do lábio, um riso, a tona,
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentei-me e recostei-me a uma antiga poltrona.

Frete a frente do corvo, a alma já me sorria
E toda entregue a mim, como quem se abandona,
Busco ansioso indagar que novas me traria
O fúnebre viajor que inda hoje me emociona!

Procuro compreender qual o escondido gozo
Dêse vil e sinistro arauto (tenebroso
Que em dois termos resume os seus vis cabedais.

Que os seus vis cabedais de ciência e de linguagem
Resume ao exibir-me a tétrica plumagem
Crocitando e garrando a frase: "Nunca mais!"

XIII

Deixo-me após ficar como quem se extasia
Entre alucinação e funda conjectura,
Ante a luz da razão e a névoa da utopia,
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.

Nada mais pronunciei, nem um som se me ouviu
E como a um ferro em brasa, a uma horrível tortura,
Da ave ao olhar hostil e à pífida ironia
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.

Mas a um torpor de quem vassamente resona,
Recosto-me ao espaldar dessa velha poltrona
Que eu para ali trouxera em ânsias infernais.

E vejo a luz brilhar sobre o roxo veludo
Em que por tanta vez d'Ela o semblante mudo
Brilhava, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!

XIV

Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,
Sólta de um incensório oculto que pendia
Das invisíveis mãos de anjos que com côro extenso,
Revavam roçando a ampla tapeçaria.

Haurindo o ar aromado e de bálsamo, denso,
De mim para mim mesmo exclamo em gritar: infeliz!
Infeliz! infeliz! Um Deus piedoso e imenso,
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!

Do nepentes é o sumo! Ei-lo, bebe-o! Ei-lo, esquece!
Ele é a seara do bem, do esquecimento a messe!
Nele ouvirás a voz dos gozos celestiais!

E' ó nepentes ideal que Deus te manda agora!
Bebe-o! Bebe-o olvidando a tua morta Eleonora!
E o corvo crocitou de novo: — "Nunca mais!"

XV

Pássaro ou Satanaz, ave de profecia,
Sejas ave ou Satan, sempre há de ser profeta!
Venhas do teu inferno ou da brava hibernia
Que naufragar te fêz, acalma esta alma inquiet.

Já que a noite exigiu, no voo que te guia,
Que calasses aqui, onde a angústia secreta,
Onde o secreto horror tem teto ou moradia,
Do pouco que disseste o sentido completa!

Dize-me, por quem és, se neste mundo triste,
Existe algum repouso, algum consólio possível
Para estes meus cruéis, sofrimentos mortais!

Existe esse mendaz bálsamo da Judeia
Que, da saudade, a dor nos arranca da ideia?
E o corvo, inda outra vez, repetiu: "Nunca mais!"

XVI

Profeta ou Satanaz, negro zar da desgraça!
Profeta sempre ator de negra profecia,
Pelo azul deste céu que sobre nós se espacia,
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,

Dize a esta alma sem luz e de dúvidas baça,
Baça de incertidão e de melancolia,
Ser-lhe-á dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?

Ser-lhe-á dado abraçar a virgem pura e santa,
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
Com seus gestos de encanto e encantos virginais?

Ser-lhe-á dado abraçar, oh! dize-o sem demora,
A rutila, radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo roucoujou, roufenho: "Nunca mais!"

XVII

"Que esta palavra, enfim! de negra profecia
Do teu regresso o início ambicionado seja!
Regressa ao reino teu, A noite que te envia,
A noite plutoniana, essa que em ti negreja!"

Volte! Cala essa voz que me fere e angústia!
Reentra no temporal, volte à tua peleja
De lá fora e não fique uma só pluma esguia
Neste chão, de tua vil plumagem malfeiza!

Não quero que de ti uma reminiscência
Fique nesta de dor, sagrada residência,
Sobre a qual distendeste as asas funerais!

Val-te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca-me do seio as garras vis, arranca!
E o corvo crocitou de novo: "Nunca mais!"

XVIII

E o corvo permanece em perpétua estadia,
Sinistro a repousar, do mármore, à brancura,
Quem o contempla assim pela verdade jura
Que algum sonho feroz seu aspecto anuncia.

E' um demônio a sorhar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a rija catadura,
Tal o fulgor do olhar que os olhos lhe alumia
E com que a própria sombra lhe sondar procura.

Essa sombra que a luz da lâmpada suspensa
Faz refletir no chão, qual atra nuvem densa,
No mesmo chão negreja em linhas sepulcrais:

E dêse âmbito negro, dêse âmbito de sombra,
Minha alma que da dor da saudade se assombra,
Nunca mais sairá! Nunca mais! Nunca mais!

(Veja "Autores e Livros", vol. 9.º, págs. 23, 51, 51, 80, 111, 147).

Deita amarga existência em certo, amargo dia,
A hora da meia noite, augural e profana,
Eu, de velha doutrina, as páginas reia
Curvo ao péso do sono e da fadisa insana.

Mal do meu pensamento a direção seguiu
Por essa hora de horror em que da treva emana
Toda em funda hediondez, desoladora e fria
Da atra recordação, a atra saudade humana.

Foi assim que senti, do meu triste sponsoento,
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos humbraes.

Disse comigo: é alguém que pela noite fora,
Vem, retarda visita, e retarda-se agora...
A bater mansamente à porta, nada mais!

II

Ó se o recordo, e bem! numa hibernia brava,
Ó rispido e glacial Dezembro decorria
E, da lareira ao chão, cada braza lançava
O supremo fulgor da sua letia agonia.

E eu a esperar, em vão, a aurora que tardava
Querida, em vão, achar nessa velha teoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consólio sequer à dor que me punha.

Em vão! consolo, em vão! à minha dor profânica
Em vão! repouso, em vão! à alma que se me indaga
Desta imortal saudade aos prantos imortais.

Porque jamais se esquece, alma consoladora
Como essa que nos céus é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouviré, nunca mais!

III

Ante o vago oscilar, indefinido e brando
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,
Ta-me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.

Um tétrico pavor que então desconhecía
E que me estrangulava o peito miserando,
A alma, sem compaixão, de dúvidas me enchia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.

Enfim, para volver à ambicionada calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,
Repetia a mim mesmo estas palavras tais:

"Nada mais é talvez, que retarda visita
Que vem da noite em fora e entrada solitaria!
E' visita que vem, por certo, nada mais!"

IV

A calma que até aí do peito, me fugia
Voltou de novo ao peito e, à coragem primeira,
Não mais vacilações, não mais mente errada!
Ao estranho rumor falo desta maneira:

"Como nesta ocasião o sono me prendia
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,
Que presto não corri; perdoai-me esta ousadia
Dama ou senhor que estais da minha porta à hombraia!"

Tão receiosamente e vagarosamente
Batestes, que não fui receber-vos contente,
Como hóspede que sois e à minha porta estais.

E assim falando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquela hora adiantada e moria,
Treva! Treva somente! A treva e nada mais!

V

Cravo os olhos na treva e longamente a escuto,
E a treva é muda e é muda a própria ventania,
E longo tempo assim com o próprio medo luto,
De dúvida e terror povoando a fantasia.

Sonhos que outro mortal, como eu nunca ousaria
Sonhar, me vêm num bando esmagador e bruto,
Profunda calma aquieta a quietude calma
Imóvel é o silêncio e só o silêncio escuto!

A única voz humana, o único som ouvido,
E' este nome, em surdina e, a medo, proferido:
E' este nome que encerra os meus mortos ideais.

Sou eu quem o profere, eu que o trago na mente,
E um eco a repercutir, repete-o vagamente:
— "Eleonora! Eleonora!" E' isto e nada mais!

VI

Entre de novo em ânsia e ardendo a estranho fogo,
Senti que dentro em mim, todo o meu ser ardia,
Ouví distintamente outra pancada e, logo,
De outra pancada o som mais claro percuto.

A essa nova impressão, volto-me e monologo:
Talvez cousa qualquer me bata à geoleia,
Certamente que sim, pois que ludibrio e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!

Fujamos, pois, do medo, do tenebroso império!
Animo, coração! sondeos o mistério,
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavais.

E continuando fui: Nada mais foi que o vento,
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
Sopro do furacão! Foi isso e nada mais!

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 7)
fria, incoerente, passiva...
O coração, revolta imagem
de um mar quebrando contra
o céu!

LIMA, PEREIRA

Na época da propaganda da Abolição e da República, multiplicou-se no Brasil o grupo dos poetas políticos. A enfermidade foi grave, e atingiu até aos poetas mais líricos, os que pareciam mais distantes de tal amescla. Olavo Bilac, por exemplo, foi vítima dela, e escreveu uma fragrantíssima eudáquia no 15 de novembro. Mais grave ainda foi o ataque de que sofreu Raimundo Correia, poeta todo arte, todo pensamento e sensibilidade, que entretanto incluiu nas *Sinfonias* uma série de poesias políticas ou sociais, que ficou sendo a parte mais frágil de toda a sua obra.

Como nos anos de 1890, temos agora uma tal ou qual florescência de poesia política e social. Este livro do Sr. Pereira Lima pertence a tal corrente desde o título que ostenta. *Mundo Futuro* — que mundo será esse? Será o mundo, hoje misterioso e a um sonho revelado a certos venturosos — o mundo a que os homens vão ser realmente iguais e vão ser igualmente felizes, o mundo enfim, em que o homem não seja mais o leão do homem, porém o irmão do homem.

Não queremos examinar mais detidamente certos poemas de natureza social do livro; limitamos-nos a transcrever, como amostra da poesia do Sr. Pereira Lima, o seu poema dedicado a Roosevelt:

Hoje morreu Roosevelt
Deixando a humanidade estre-
meada.
Morto antes do fim... Como
Moisés
Antes de chegar à terra pro-
metida.

Odes de Anacreonte e suas traduções, por Almeida Cousin — Irmãos Pongetti

O Sr. Almeida Cousin dá-nos, com este livro, uma contribuição preciosa: a tradução das *Odes de Anacreonte*, acompanhada do original grego.

Anacreonte, ao que parece é hoje apenas um símbolo. Como Homero representa apenas o nome dos numerosos rapsodas que na infância da Grécia criaram o milagre daquelas lendas, aquelas, daquelas infinitas poesias, que mais tarde foram codificadas com o nome de *Ilíada* e com o nome de *Odisséia* — assim também Anacreonte não é hoje senão o símbolo de numerosas poesias que escreveram *Odes* ao gosto do velho poeta, ao amoroso do amor, do desejo e do vinho.

Editadas em 1554 por Henri Estienne as *Odes de Anacreonte* tiveram facilmente a conquista do mundo, e vieram encontrar eco em nossa língua. Existiram delas em Portugal três edições: a de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão (1804); a de A. T. M. (Antônio Teixeira de Magalhães) (1819); a de António Feliciano de Castilho (1866). Da primeira — a de Malhão — dava-nos há alguns anos uma editora paulista uma reprodução.

Estas são as traduções portuguesas. No Brasil, é sabido que houve uma tradução das *Odes de Anacreonte*, de Silva Alvarenga. Passa por ter sido a última obra do nosso poeta; morreu ele, porém, sem a ter editado, deixando-a pronta para o prelo. Extraviou-se o manuscrito, no dia do enterro do autor. Existirá ainda em alguma parte?

Fragmentariamente possuímos outras traduções do poeta grego: uma de Machado de Assis

Chuva monótona, profundo
requiem dos tristes, passionais,
daquelles que andam pelo mundo
ouvindo sempre "nunca mais"...

Mundo Futuro

Depois te vi no cinema;
Tu falando... tua imagem
viva...
O teu lar... a Casa Branca...
a tua vida retrospectiva...

O teu enterro... no silêncio
triste...
E do cortejo ao funeral passar
Milhões, milhões de anônimos
[chorando...]
Era alma de teu povo, mas tu
[mesmo]
Parecendo a ti mesmo te chorar!

Lutaste pela Paz! tua bondade
Ainda guiará a espécie humana!
Mas se morreste, meu sublime
[irmão],
Terás a paz que desejava em
[vida]
Lá noutra Casa Branca, a do
[Nirvana!]

E lá no monte imenso que teu
[povo]
Esculpia para Washington e
[Lincoln]
E esculpirá também a ti,

Quando aqueles que vivem já
[repousam] —
Serás lição à geração futura:
Voarás como os condores que
[já pousam]!
Reverterás ao pó — nessa es-
[cultura]!

E, ó Águia do gênio americano!
O grande ditador da liberdade!
Tu regerás a orquestra do por-
[vir]
Na sinfonia milenar dos ecos.

A tua estátua esculpirá a His-
[tória]
E o teu cadáver
Desafiara os cadáveres dos sé-
[culos]!

uma de Pires de Almeida, uma de Jorge Jobim, uma de Raimundo Correia; uma de Belisário de Souza (que, cremos, nunca chegou a ser publicada, pois o autor a considerava modestamente, como um simples exercício colegial dos seus trechos de estudo grego); uma interpretação de José Bonifácio, e muitas outras que naturalmente nos escapam. Em um dos capítulos do *Fabrilão*, João Ribeiro traça um curioso paralelo da inspiração de Anacreonte com a de Gonzaga, mostrando como várias das *Liras* do poeta inconflidente são simples adaptações de textos anacreontinos.

Parece, portanto, que é a primeira vez que de forma seguida e completa teremos Anacreonte transportado para o Brasil.

Do cuidado e do amor com que o Sr. Almeida Cousin fez a sua tradução dão testemunho as páginas que seguem, nas quais encontramos cinco *odes* de Anacreonte, já anteriormente traduzidas por outros poetas de nossa língua:

VIDA VOLUTUOSA

Deitado molemente junto ao
[leito],
Sobre o loto virente,
Quero me embriagar!
Que Eros, prendendo o manto
[aos ombros claros],
Venha serenamente,
A taça me ofertar!

Como o rodar de um carro, a
[vida passa]
E, em breve, cinza e ossos,
Haveremos do jazer...
Porque lançarmos sobre a terra
[aos mortos],
Já miseráveis destacoas
Vinho bom de beber!
Porque andaremos perfumando
[as lápides]

As covas tenebrosas,
Que só têm cinza vã?
Perfuma-me de nardo enqua-
[nto vivo],
Coroa-me de rosas
E chama a corteza!

Antes que, em baixo, ó Eros,
Com os mortos vá dançar,
Quero os cuidados ferozes
Da vida, afugentar!

O AMOR EM CADEIAS

As Músas tomaram Eros
E o deram, preso, em garras,
para a Beleza o guardar.
E Vênus trouxe os presentes
Para o remir e comprar.
E Vênus trouxe os presentes
Para o remir e comprar.
Ele, entanto, redimido,
Sua mãe pode chamar.
Gostou tanto das cadeias,
Que não quer se libertar!

LIRAS E ROSAS

Oh! não me fuja, bela moça,
Porque está branco o meu ca-
[belo]
E a tua cor é semelhante
À flor no seu vícioz maldo!
Oh! Não desprezes meus deli-
[rios],
Só porque tens cores mimosas:
Vê — nos dademas em que
[há lírios],
Que bem resplendem junto às
[rosas]!

O AMOR E A ABELHA

Eros, no meio das rosas,
Uma abelha, ali escondida,
Não viu. Dela foi picado
Seu dedinho. As mãos mimosas
Sacode, desesperado.
A gritar: Eu perco a vida!
Desse drama core para
A bela mãe Citerre:
— "Eu morro, minha mãe!" —
[declara] —
Eu morro! Expiro, alma de!
Pitou-me a serpentina
Alada, que abelha chamam
Aqueles homens da terra!
E ela disse: — "A agulhinha
De uma abelha te foi tanto...
Julga, ó Eros, os que feres
Como há de sofrer e quanto!"

A CIGARRA

Feliz, cigarra, sempre sejas!
De árvores altas, no alto galho,
Bebendo só gotas de orvalho,
Qual rei, cantando, te espas-
[sas]...

Pois tudo é teu (que importa
[as donas?])
— Quanto tu vês no campo em
[festas],

Quanto carregam as florestas,
Cigarra amiga dos colonos!...
Já lhes causaste algum pre-
[juízo]?

Nunca! Aos mortais és preciosa,
Protejtando o ainda indeciso
Vir da estação quente, ditiros.
Amam-te as Músas nesse en-
[tanto],

E ama-te Febo, ó sonhador,
Pois te ensinam tão doce cantar!
Tens atributos de imortal:
Sem te acabar velhos lengue,
Sábila, tetrica cantora,
Serenas, sem carne, sem sangue,
— Tu és aos deuses quase igual!

LIVROS RECEBIDOS

— MORAVIA, Alberto —
"OS INDIFFERENTES"
— Coleção Oceano, v. 19 —
Instituto Progresso Editori-
al. São Paulo, 1948, 271
págs.

— "BOLETIM DO MI-
NISTÉRIO DO TRABA-
LHO, INDÚSTRIA E CO-
MÉRCIO" — n. 161. Ja-
neiro de 1948, Ano XIII,
246 págs.

— FONTES, Ivan —
"IMAGENS E EMOÇÕES"
— Editora Minerva Ltda.
Rio de Janeiro, 1947, 109
págs.

— COSMO, Vina — "IN-
QUIETAÇÃO" — Poemas
— Irmãos Pongetti — Edi-
tores — Rio de Janeiro,
1948, 77 págs.

— SANTOS, Vito —

"LUZES DA ALVORADA"
— Rio de Janeiro, 1948,
83 págs.

— LANTUILL, Henri de
— "O FRANCÊS DO EXA-
ME DE LICENÇA" (CUR-
SO DE MADUREZA) — Li-
vros Francisco Alves, Rio,
1948, 111 págs.

— CORREA, S. J. Fran-
cisco de Aquino — "FLO-
RILEGIUM ASCETICUM
PRO EPISCOPIS A FRAN-
CISCO DE AQUINO COR-
REIA, S. S., ARCHIEPIS-
COPO CUIABENSIS IN
BRASILIA CONCINNATUM"
— Imprensa Nacio-
nal. Rio de Janeiro, 1948,
268 págs.

— "CRONOS" — Re-
vista Bi-Mestral de Cultural
— Ano 1, n. 1 — Novem-
bro-Dezembro de 1948. Re-
dação e Administração: Rua
Ibituruna, 43-45, Rio de Ja-
neiro.

— TRUJILLO, María
Martínez de — "MEDITA-
CIONES MORALES. CON
UN PROLOGO DEL SE-
ÑOR LICENCIADO JOSE
VASCONCELOS" — Mexi-
co, D. F. — 1948, 176 pgs.

É um livro de reflexões
moraes, destinado à infân-
cia e à adolescência. D.
María Trujillo se baseia em
lições de Seneca e Cícero,
de Eça de Queiroz, Ricar-
do Leon, Zola, Francisco
de Castro, Constancio C.
Vivill, Casimiro de Abreu,
etc.

Seus temas são construi-
tivos e excelentes. Não há
mal em que as belas pala-
vras que diz esta mestra se-
vera sejam incessantemente
repetidas. Talvez um dia
a humanidade consinta em
ouvila, melhorando um
pouco...

— MANUEL, Madeleine
Sophie-Augustine — "LES

ATALA E RENE

Patrocinada pelo Instituto
Nacional do Livro, anuncia-se
para breve uma edição fac-
símil de *Atala e René*, com
prefácio de Alceu Amoroso
Lima.

Esta edição, que será dada
em comemoração do centená-
rio do falecimento de Chateau-
briand, representa mais um es-
forço do Sr. Augusto Meyer,
ilustre diretor daquela institui-
ção, em prol da cultura bra-
sileira.

Esse esforço constante, já
tanta vez evidenciado, constitui,
nos dias que hoje correm, do
grande indiferença pelos em-
preendimentos culturais, um
raro exemplo de carinho e de
amor pelos assuntos de cultura
no Brasil.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão
ASSINATURAS

Assinatura anual com registro — Crs 60,00

Endereço:
Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça
Marcelino Friolana, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5825.

Impressão nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além
da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone:
22-9981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1621. Tratar
com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com
Artur Farias.

NÚMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos
dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (pri-
meira fase) — somente na redação.

FORCES DU LANGUAGE
THÈSE PRÉSENTÉE AU
CONCOURS DE LA CHAIRE
DE LANGUAGE ET LIT-
TÉRATURE FRANÇAISE
DE LA FACULTÉ NATION-
ALE DE PHILOSOPHIE
DE L'UNIVERSITÉ DU
BRÉSIL" — Rio de Janeiro,
1948, 150 págs.

— SILVA, Vicente Fer-
reira da — "ENSAIOS FI-
LOSÓFICOS" — Instituto
Progresso Editorial. S. Pau-
lo, 1948, 153 págs.

— LACERDA, Carlos —
"O BRASIL E O MUNDO
ARABE", Rio, 1948, 235
págs.

— "JOAQUIM", n. 21
— Curitiba, Dezembro de
1948.

— BUENO, Maria Tere-
za Galvão — "TRIPITICO
POESIA. POETRY. POE-
SIE" — F. Briget e Cia.
Rio, 1948, 196 págs.

NOTA: Só daremos noti-
cia nesta secção dos livros
que nos chegarem às mãos.

NOVO LIVRO DE MORAVIA

A Editora IPÊ, de São
Paulo, que acaba de dar "*Os Indiferentes*", de Alberto
Moravia, anuncia para Ja-
neiro próximo, outro ro-
manço de grande êxito do
já famoso autor italiano —
"A ROMANA".

DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO

Iniciaremos, em um dos pró-
ximos números a publicação do
Dicionário Bio-Bibliográfico
Brasileiro, organizado por Mucio
Leão. Tratando-se de uma obra
de amplitude vastíssima, não
foi sem grande relutância que
tomamos a deliberação de in-
cluí-la nas páginas de *AUTO-
RES E LIVROS*. Mesmo resu-
mindo-a, mesmo conseguindo
em cada um dos nossos fascí-
culos reservar-lhe em média
quatro páginas — só ao cabo
de muitos anos a teríamos da-
do por inteiro ao leitor.

O *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro* abrange notícias bio-
biográficas acerca dos auto-
res nacionais mortos ou vivos;
acerca dos autores estrangeiros
que trataram do Brasil, dos au-
tores estrangeiros que estão
traduzidos para a nossa língua
os mais eminentes, é claro;
os pseudônimos literários, os
jornais, os grandes fatos lite-
rários. Com a inclusão do Di-
cionário em nossas páginas, es-
peramos aumentar no espírito
do leitor o interesse que aca-
bá lhe tenha merecido *AUTO-
RES E LIVROS*.

ALGUNS MORTOS DE 1948

(Continuação da 1.ª página)

dos de almas, o analista mimoso do *Espejo de Casados*; Roberto Simonsen, o autor já agora clássico da *História Económica do Brasil*; Fernando Nery, o grande estudioso da vida e da obra de Rui Barbosa, o erudito editor dos *Apólogos Dialogais* de D. Francisco Manuel de Melo...

Esses, entre tantos outros, os predores.

O que dizer então dos poetas? Foram vários os poetas brasileiros que o ano de 1948 arrebata para as eternas almas...

E em primeiro lugar lembramos a figura daquele exaustivo Júlio Salusse, o autor dos *Cisnes*.

A vida — manso lago azul
vêz, algumas vêz
algumas vêz
fremente...

cantou ele, na sua mocidade — E o soneto amoroso em que assim falava ficou eterno... Nilo Bruzi — que foi o mais constante dos amigos de Júlio Salusse — revelou, num esplêndido artigo do *Jornal do Comércio*, o segredo da paixão do poeta: esse segredo chama-se Laura de Nova Friburgo. E foi para ela, para essa Laura que lhe inspirara tão puro e tão alto amor, que ele escreveu aqueles deliciosos quatorze versos dos *Cisnes*, como escreveu tantos outros.

Depois de Júlio Salusse, Harold Daltro (que aliás faleceu antes do autor dos *Cisnes*). Harold Daltro era um poeta mais modesto, e cultivava outros modelos, menos românticos, mais cotidianos. Morreu da maneira mais dramática. Em um dia de Carnaval foi atropelado por um automóvel em uma praça pública. Levado para o hospital, faleceu. Seu corpo foi conduzido para o necrotério, em cuja mesa de mármore se achava deposto, para ir ser conduzido para a vala comum, sem identificação... Não fosse a piedade insistente de um amigo, que, dando por falta dele, se dispôs a procurá-lo por toda a parte, teria o seu corpo desaparecido naquele recanto mais triste do cemitério, onde vão dormir os últimos abandonados da fortuna...

Depois foi Júlia Cortines, essa doce velhinha, que na mocidade fora figura de real prestígio em nossas letras femininas. Estava de há muito enclausurada a sua meiga voz, reduzida agora a compor línguas e raras melodias, que Júlia Cortines esboçava efusivamente...

E foi afinal Leal de Sousa. Esse era um poeta ardente, cavalheresco, inflamado, como um legítimo gaúcho. Nasceu nos pântanos do Sul, e ao se fazer conhecido no Rio estava sempre o seu nome irmanado com o de Aníbal Teófilo, com o de Gregório Fonseca, com o de Alcides Maya. Seu estilo era inflamado, e ele escrevia versos veementes, do sabor destes:

Minhas avós foram formosas
E meus avós foram heróis...
Martins Fontes, que tanto e tão desveladamente o amou, viu

O RIOSINHO

MUCIO LEÃO

No fundo mais profundo da minha saudade dorida
Flue a corrente suave de um rio tranquilo e obscuro.
Rio que foi um dos meus primeiros companheiros
E que brincou comigo no tempo da meninice.

Pela manhã, as águas acordavam brancas e transparentes,
Tão transparentes e tão brancas
Que os meninos mergulhavam,
Para ir apanhar um alfinete,
Que se jogasse lá no fundo.

Podiam-se ver as piabas, que nadavam buscando alimento.
Podiam-se ver os camarões e os pitus,
Que saíam das locas, debaixo das pedras.
(Tico só ia tomar banho pela madrugada, ainda meio escurelho.)

E a cada mergulho que dava, gritava, entusiasmado:
— Ai, que maná! Ai que delícia!

Mas depois as águas iam escurecendo...
Vinham as lavadeiras,
E lavavam a roupa suja na água limpa do rio.
Vinham os donos dos cavalos,
E lavavam os animais cansados na água fresca do rio.
Vinha toda a gente
E despejava as coisas ignóbeis da povoação na água
(virgem e cheirosa do rio).

E o rio ficava imundo das imundícies que os homens lhe davam,
E que ele ia carregando, alegre, para o mar tão longe...

Havia lugares em que o rio era melhor, o banho mais delicioso:
O Passarinho,
A Caixa d'água, onde um dia morreu um homem,
O sítio de seu Morais, onde um dia eu beijeí Rosa.

E o rio fazia milagres também, quando era preciso:
Não era de lá que Bento Milagroso tirava a água para
(as suas garrafinhas,
A água que ia curando todos os doentes?)

Quando o trem dosromeiros chegava,
O pátio da estação se enchia de infelizes.
Eram ceguinhas e parafiteiros,
Aleijados exibindo chagas que lembravam flores.
Como as dos mendigos de Antonio Nobre,
Tísicos que se arrastavam cuspidos os pulmões,
E cancerosos e morfeitos, cheirando de longe.

Mas um dia a polícia proibiu o trabalho do curandeiro,
E a água boa do rio deixou de fazer milagres.
A perna de Pedro Cotó, que já estava crescendo, voltou para o mesmo lugar.

Rio humilde e suave, rio limpo e imundo, rio inocente e infantil...

Rio que flue agora
No fundo mais dolorido das minhas recordações...

AS COMEMORAÇÕES A RUI E A NABUCO

Em Abril próximo, iniciará a Academia Brasileira de Letras as sessões comemorativas de Joaquim Nabuco e de Rui Barbosa. Os meses de Maio, Junho, Julho e Agosto, serão dedicados ao primeiro; os de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, ao segundo.

Em Agosto, realizará a Academia uma sessão solene, dedicada a Nabuco; em Novembro, uma outra, dedicada a Rui. Também em 1949 — em homenagem a Rui — realizará a Academia um Congresso de Escritores Luso-Brasileiros.

Alvaro Moreyra, o de Leal Costa, o de Olinto Magalhães... Ainda acham pouco?...

BARBOSA LIMA SOBRINHO

Viajando pelo Constellation, chegou ao Rio de Janeiro, no dia 28, o sr. Barbosa Lima Sobrinho, governador de Pernambuco. O ilustre acadêmico veio à capital da República a convite expresso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a fim de fazer uma conferência acerca da Revolução Praieira.

Essa conferência realizou-se na tarde da última terça-feira (28 de Dezembro) findo. Barbosa Lima Sobrinho estudou, em sua conferência, aquele memorável momento da vida e da alma de Pernambuco, pondo em destaque certos aspectos que dele até hoje têm ficado na

sombra, esquecidos por cronistas e historiadores. Um desses aspectos, por exemplo, é a grande, a fecunda contribuição que para o movimento da Prma deram os grandes proprietários de Pernambuco, os senhores de engenho.

A conferência de Barbosa Lima Sobrinho encerrou-se com um formoso hino elvico aos rútilos heróis da Revolução de 1848, e em primeiro lugar a Pedro Ivo e a Nunes Machado.

Estudo sólido, severo, erudito e neutro. Ficou essa conferência na bibliografia histórica de Barbosa Lima Sobrinho como um dos números mais importantes. Será de ora por diante o "pendão" daquela outra memorável conferência em que, também, no Instituto Histórico, o velho Barbosa Lima — tio do atual governador de Pernambuco, que, como ele, ocupou com raro brilho também o Palácio das Princesas — evocou há trinta anos a propózição do outro centenário, outra memorável revolução pernambucana — a de 1917.

EDICÕES DE DEZEMBRO

Para as festas de 25 de Dezembro e fim do ano, o IPE de S. Paulo anuncia o próximo lançamento dum dos mais curiosos livros infantis até hoje publicados no Brasil: "As Caçadas de Tio Vicente", de autoria de Mário Donato. Com profusa coleção de desenhos apropriados, trata-se da história aventureira dos viagens de Tio Vicente através dos cinco continentes.

O IPE promete ademais o esperado lançamento de "Toda a Poesia de Guilherme de Almeida", já nos prelos de suas oficinas gráficas, e que deverá enfeixar num só volume de 700 páginas, a "opéra omnia" até hoje composta pelo conhecido cultor das modernas letras pátrias.

A "História da Revolução Soviética", de Chamberlain, será igualmente lançada nos primeiros dias de dezembro, seguida por "Organização Social dos Tupinambás", de Florestan Fernandes, da cátedra de Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

CARTA AO CONDE...

(Continuação da 5.ª página)
livres para as levantar ao céu, e encomendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondência do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, é memória de uma vez cada ano; e as da oração de todas as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas ofereço a Vossa Excelência sem nome de despedida, e posto que em carta circular e comum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a Vossa excelência devo, e me ficam impressas no coração, Deus guarde a Vossa excelência muitos anos, como desejo, com todas as facilidades desta vida, e muito mais da que não tem fim. Bahia, dia de Santo Inácio, 31 de Julho de 1694.

Cartas de Joaquim...

(Cont. da página 9)
conselho único. Eu preferia vê-lo em uma Legação a vê-lo grande advogado, por causa da sua saúde e da sua obra. Quanto a mim, não se preocupe. Se a sua sorte for melhor, mais feliz, mais contente, a mutilação dicatizará com o tempo, e não me restará senão a satisfação de o ter salvado, e salvado o seu nome ainda então desconhecido, do destino traiçoeiro que o ameaçava um momento. Sempre seu
Muito dedicado e já ansioso Amigo

Joaquim Nabuco
O João Ribeiro, entre nós dois, ou três, escreveu-me pedindo para sustentar com o Rio Branco a pretensão dele a um Consulado. Desejo ler o que ele está dizendo no "Correio da Manhã". De Genova escrevi ao Rio Branco uma carta mostrando supunha então o Dr. Olinto consentido a falta de política, do ponto de vista nacional, em se estar aquiescendo o governo passado de ter abandonado a integridade do Brasil no Acre. É uma discussão odiosa, quase perversa, e cujas retinções recíprocas reverteriam contra nós em caso de arotragem. Vejo pelo discurso do banquete ao Pinheiro Machado que o corifeu dessa política é o Ruy. Parece-me muito errada e sentirei que o Rio Branco se identifica com ela. O fato é que o Acre é uma criação e conquista dos Americanos que ele teve a honradez, uma vez feita, de chamar a nossa mais que não estava nada madura para a mesma atitude do governo, nas administrações anteriores. E a estrela dele não é um argumento contra os outros! Isto muito para nós. Não me quero pronunciar nessa questão que quase desconheço. Predicatos ver-nos e conversar. Estamos em crise.
J. H.

Como me tornei tradutor de Heredia

(Continuação da página 8)
De minha vida eterna empenhei o tesouro.

E agora que a inclinar para o ocaso me vejo,
De Frei João de Segóvia igual sorte desejo,
Morrer a cinzizar uma custódia em ouro.

A agora a nova:

Mais que os mestres de glória, apsear da grandessa,
Quer seja Ruiz, Arfau, Jimenez, Becerril,
Berlitos e rubis cravel em joias mil,
De um vaso a alça torci com pericia e leveza.

Em prata e sobre o iriado esmalte que a embeleza

Pintel, com o risco d'alma, e esculpi a burlil.
Não Cristo na cruz ou Santos na grelha hostil,
Mas, — vergonha, — o ébrio Baco ou Danaé [surpresa]

Os cabos embuti de espadas e punhais
E, para orgulho vão das coisas infernais,
De minha vida eterna empenhei o tesouro.

E vendo para o ocaso a idade me inclinar,
A Frei João de Segóvia eu quisera imitar,
Clanzeland ao morrer uma custódia em ouro.

No nova tradução procurei, tant oquanto possível, seguir as razões que presidiram a elabora-

ção do soneto original. Desprezei somente o uso da rima em isa, correspondente ao ise francês, porque jamais aceitará traduzir Danaé surpresa por Danaé indezida, o que me induziu a conservar o som homófono esa. E afinal não quis também usar o infinitivo para remate do último verso, pois que esta transposição correspondia a um verdadeiro aleijão estético de que não se deu conta o desavisado crítico a que me referi.

Ao que parece — e os leitores poderão verificar — não houve vantagem alguma, ao menos quanto K musicalidade dos versos. Se é de se desdenhar a primeira, a segunda não escaparia a mesma sina.

Defeito do tradutor? Quem sabe!